



PANORAMA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO BRASILEIRA

6ª Edição
Última atualização
14 de Maio de 2015

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
1. A DESINDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL	6
1.1. Evolução da Participação da Indústria de Transformação no PIB	6
1.2. Evolução da Participação da Indústria de Transformação no Emprego Formal e no Número de Estabelecimentos Industriais	9
1.2.1. Evolução do Emprego Formal	9
1.2.2. Evolução do Número de Estabelecimentos	10
2. A INDÚSTRIA BRASILEIRA ATUALMENTE.....	11
2.1. Principais Setores da Indústria no PIB	11
2.1.1. Participação Setorial no PIB.....	12
2.1.2. Distribuição do Valor Adicionado da Indústria por Estados Brasileiros	13
2.2. Empregos Formais	15
2.2.1. Distribuição Setorial do Emprego Formal	16
2.2.2. Distribuição do Emprego Formal nos Estados Brasileiros	17
2.3. Estabelecimentos Industriais	20
2.3.1. Distribuição Setorial dos Estabelecimentos Industriais	20
2.3.2. Distribuição dos Estabelecimentos Industriais entre os Estados da Federação	22
2.4. Distribuição da Indústria de Transformação por Porte	23
2.5. Distribuição Espacial dos Grandes Estabelecimentos Industriais no Brasil	26
3. A INDÚSTRIA PAULISTA.....	29
3.1. Evolução da Participação do Emprego Formal na Indústria de Transformação e do Número de Estabelecimentos Industriais no Estado de São Paulo	29
3.1.1. Evolução do Emprego Formal na Indústria Paulista	29
3.1.2. Interiorização do Emprego Industrial Paulista.....	30
3.1.3. Evolução dos Estabelecimentos Industriais Paulistas	34
3.1.4. Migração dos Estabelecimentos Industriais Paulistas para Outros Estados Brasileiros	35
3.2. Retrato da Indústria de Transformação do Estado de São Paulo.....	39
3.2.1. O Valor da Transformação Industrial do Estado de São Paulo	40
3.2.2. Empregos Formais.....	41
3.2.3. Distribuição Setorial do Emprego Formal Paulista	42
3.2.4. Distribuição dos Empregos Formais Industriais por Região Administrativa.....	43
3.2.5. Estabelecimentos Industriais.....	45
3.2.6. Distribuição Setorial dos Estabelecimentos Industriais	46

3.2.7.	Distribuição dos Estabelecimentos Industriais por Regiões Administrativas	47
3.2.8.	Distribuição da Indústria Paulista por Porte	49
3.2.9.	Distribuição Espacial das Empresas de Grande Porte da Indústria de Transformação no Estado de São Paulo	52
4.	ENTIDADES DE REPRESENTAÇÃO DA INDÚSTRIA NO ESTADO DE SÃO PAULO	56

Índice de Tabelas

Tabela 1:	Valor Adicionado da Indústria de Transformação por Setores no Brasil em 2012.....	13
Tabela 2:	Valor Adicionado da Indústria de Transformação por Estados Brasileiros em 2012.....	14
Tabela 3:	Taxa de Formalidade por Setores da Economia Brasileira em 2013	16
Tabela 4:	Empregados Formais por Setores da Indústria de Transformação Brasileira em 2013	17
Tabela 5:	Empregados Formais da Indústria de Transformação por Estados Brasileiros em 2013	19
Tabela 6:	Estabelecimentos da Indústria de Transformação por Setores no Brasil em 2013.....	21
Tabela 7:	Estabelecimentos da Indústria de Transformação por Estados Brasileiros em 2013.....	23
Tabela 8:	Quantidade de Estabelecimentos por Porte para Setores da Indústria de Transformação no Brasil em 2013.....	25
Tabela 9:	Concentração dos Estabelecimentos de Grande Porte (500 ou mais empregados formais) da Indústria de Transformação por Estados Brasileiros em 2013.....	26
Tabela 10:	Estados Brasileiros que Concentram a Maior Parte dos Estabelecimentos de Grande Porte nos Setores de Maior Participação no Total de Empregados Formais em 2013	29
Tabela 11:	Participação do Emprego da Indústria de Transformação no Total de Empregos Formais das Regiões Administrativas de São Paulo entre 1993 e 2013	31
Tabela 12:	Participação dos Empregos Regionais nos Empregos Estaduais do Setor e Variação da Participação entre 1993 e 2013	32
Tabela 13:	Estabelecimentos com 100 ou Mais Empregados Formais em 1986 e 2013 por Estados Brasileiros, Participação no Brasil e Variação no Período.....	37
Tabela 14:	Estabelecimentos com 100 ou Mais Empregados Formais em 1986 e 2013 por Setor e Variação no Período	38
Tabela 15:	Valor da Transformação Industrial da Indústria de Transformação por Setor no Estado de São Paulo em 2012.....	41
Tabela 16:	Empregados Formais por Setores da Indústria de Transformação Paulista em 2013.....	43
Tabela 17:	Empregados Formais da Indústria de Transformação por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo em 2013	45
Tabela 18:	Estabelecimentos por Setores da Indústria de Transformação no Estado de São Paulo em 2013 .	47
Tabela 19:	Estabelecimentos da Indústria de Transformação por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo em 2013.....	48
Tabela 20:	Porte Médio e Quantidade de Estabelecimentos por Porte dos Setores da Indústria de Transformação no Estado de São Paulo em 2013	51
Tabela 21:	Quantidade de Estabelecimentos da Indústria de Transformação por Porte em São Paulo e no Brasil em 2013	52
Tabela 22:	Estabelecimentos da Indústria de Transformação de Grande Porte (500 ou mais empregados formais) por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo em 2013.....	53

Tabela 23: Regiões Administrativas de São Paulo que Concentram a Maior Parte dos Estabelecimentos de Grande Porte nos Setores de Maior Participação no Total de Empregados Formais em 2013 55

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Evolução da Participação da Indústria de Transformação Brasileira no PIB (1947 a 2014)	6
Gráfico 2: Evolução da Participação da Indústria de Transformação no Emprego Formal Brasileiro	9
Gráfico 3: Evolução da Participação da Indústria de Transformação nos Estabelecimentos Brasileiros	10
Gráfico 4: PIB por Setores da Economia Brasileira em 2014	11
Gráfico 5: Empregados Formais por Setores da Economia Brasileira em 2013	15
Gráfico 6: Estabelecimentos por Setor da Economia Brasileira em 2013	20
Gráfico 7: Estabelecimentos e Empregados Formais da Indústria de Transformação por Porte em 2013	24
Gráfico 8: Evolução da Participação da Indústria de Transformação no Emprego Formal Paulista	30
Gráfico 9: Evolução da Participação da Indústria de Transformação nos Estabelecimentos Paulistas	35
Gráfico 10: PIB por Setor da Economia Paulista em 2012	39
Gráfico 11: Empregados Formais por Setores da Economia Paulista em 2013	42
Gráfico 12: Estabelecimentos por Setores da Economia Paulista em 2013	46
Gráfico 13: Estabelecimentos e Empregados Formais da Indústria de Transformação por Porte em 2013	49

Índice de Figuras

Figura 1: Distribuição por Estados Brasileiros dos Estabelecimentos de Grande Porte	27
Figura 2: Distribuição dos Estabelecimentos de Grande Porte (500 ou mais Empregados Formais) por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo em 2013	54

APRESENTAÇÃO

Qual a importância da indústria na economia brasileira? Como a indústria tem evoluído nos últimos anos? Quais são seus principais setores? E a indústria paulista, qual a sua importância? Quais são as instituições de representação e apoio à indústria paulista?

Estas e outras questões, que nos são frequentemente postas, nos motivaram a criar este trabalho que oferece um panorama da indústria brasileira e também, em particular, da indústria paulista.

O trabalho foi elaborado com dados de domínio público, de fontes como IBGE e Ministério do Trabalho e Emprego, além de informações institucionais, da FIESP e do CIESP. O objetivo é fornecer, de forma consolidada, um conjunto de informações sobre a indústria brasileira, a indústria paulista, a Federação e o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo.

Primeiramente, apresentamos o processo de perda de participação da indústria na economia brasileira pelo qual o Brasil vem passando desde meados dos anos 1980, destacando a evolução da participação da Indústria de Transformação no PIB, nos empregos formais e nos estabelecimentos.

Em seguida, a indústria atual é distribuída por seus setores e pelos estados brasileiros, de acordo com valor adicionado, emprego formal e estabelecimentos. No caso dos estabelecimentos, também é apresentada sua distribuição por porte industrial e a localização no Brasil dos estabelecimentos de grande porte.

Abordagem semelhante é dada à indústria paulista: são apresentadas a evolução e a distribuição setorial e espacial de seu valor da transformação industrial (*proxy* para o valor adicionado), seus estabelecimentos e seu emprego formal. Podemos destacar as análises feitas sobre a migração atividade industrial do estado de São Paulo para os outros estados do país e sobre o processo de “interiorização” da indústria, que, ao longo de um período de 20 anos, perdeu importância na região metropolitana de São Paulo e ganhou importância em algumas regiões do interior do estado.

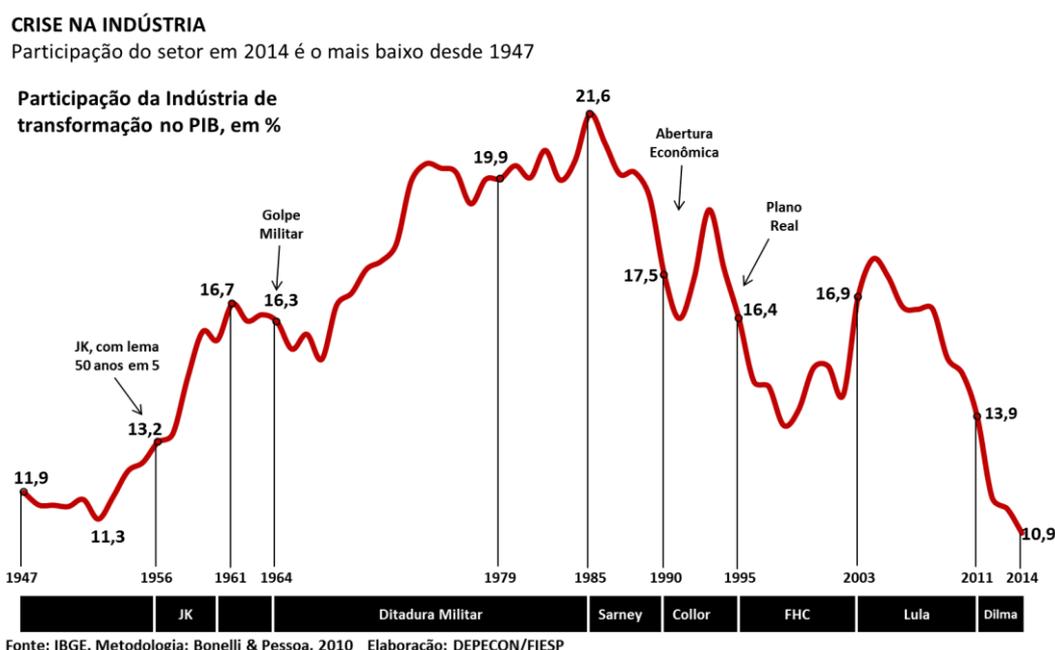
Encerrando este trabalho, apresentamos as entidades de representação da indústria do Estado de São Paulo, Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP e CIESP), e o papel e atuação das entidades de apoio às indústrias, SESI e SENAI.

1. A DESINDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL

1.1. Evolução da Participação da Indústria de Transformação no PIB

Entre 1947 e 2014, a participação da indústria de transformação no produto interno bruto (PIB) apresentou dois períodos distintos, conforme observado no gráfico abaixo. Dos anos 1950 até 1985 transcorreu o primeiro período, caracterizado por um intenso processo de crescimento, diversificação e consolidação da estrutura industrial brasileira. Foi nesse período que a participação da indústria de transformação no PIB mais que duplicou, saltando dos 11,6% em 1952 para 21,6% em 1985. Já no segundo período, com início em 1986, observa-se uma expressiva perda de participação da indústria na produção agregada do país, o que configura um processo de desindustrialização. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e estimativas da FIESP, a participação da Indústria de Transformação no PIB declinou mais de 16 pontos percentuais ao longo do último período, atingindo, em 2014, a marca dos 10,9% (aproximadamente igual àquela observada em 1949). Com o objetivo de destacar alguns fatores explicativos dos dois períodos anteriormente ressaltados, será apresentado, nas páginas a seguir, um breve retrospecto do desenvolvimento da indústria no Brasil.

Gráfico 1: Evolução da Participação da Indústria de Transformação Brasileira no PIB (1947 a 2014)



Contexto Histórico: O Processo de Desindustrialização no Brasil

No período que se estende do pós Segunda Guerra Mundial até o primeiro choque do petróleo (1973), a economia mundial passou por um processo de forte crescimento econômico liderado pela indústria. O Brasil aproveitou esse cenário externo favorável para implementar duas grandes políticas industriais capazes de alterar a estrutura industrial doméstica: o Plano de Metas (1956-1961) e o II PND (1974-1979). Planejado e fomentado pelo Estado ao longo desse período, o processo de industrialização brasileiro ganhou força com a instalação das indústrias de bens de consumo duráveis, bens de capital, insumos básicos e energia. Portanto, em face desse período de intensas transformações estruturais, a participação da indústria no PIB aumentou fortemente.

No entanto, após esse período, a economia mundial passou por vários eventos adversos que influenciaram negativamente o ambiente macroeconômico, a demanda agregada e, por consequência, o crescimento da indústria. Destacam-se o segundo choque do petróleo (1979), o forte aumento da taxa de juros pelos EUA e a consequente crise da dívida pela qual o Brasil e outros emergentes passaram, a aceleração da inflação doméstica nos anos 1980 e as crises financeiras da década de 1990 (mexicana, asiática e russa). A partir dos anos 1980, todos esses fatores contribuíram para uma mudança de patamar na participação da produção industrial no PIB da economia mundial (Bonelli,2005)¹.

Nos países desenvolvidos, o processo de desindustrialização foi resultado do crescimento da produtividade na indústria de transformação, ou seja, esteve associado ao aumento do emprego de alta produtividade e elevada qualificação da mão de obra neste setor, o que transferiu trabalhadores para os outros setores da economia. Esse processo resultou em crescimento da produtividade total da economia, sendo, portanto, um processo virtuoso, natural e de mudança estrutural no desenvolvimento econômico (Rowthorn e Ramaswamy, 1999)².

Já no caso do Brasil, o processo de desindustrialização é precoce e nocivo à economia nacional, pois se associa a fenômenos negativos, tais como a perda de competitividade das exportações industriais, que se manifesta por meio da reprimarização da pauta exportadora; e o aumento das importações não somente de

¹ Bonelli, R. (2005). *“Industrialização e Desenvolvimento: notas e conjecturas com foco na experiência do Brasil”*. Conferência de Industrialização, Desindustrialização e Desenvolvimento, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Agosto.

² Rowthorn, R.; Ramaswamy R. (1999). *“Growth, Trade and Deindustrialization”*. *IMF Staff Papers*, Vol.46, N.1

bens de capital e de consumo (sobretudo da China), como também de insumos industriais, o que afeta nocivamente diversas cadeias produtivas da indústria brasileira (Cano, 2012)³.

Com relação a esse último fenômeno, observa-se um aumento da participação de produtos importados no consumo interno da indústria geral (indústria de transformação mais indústria extrativa), perceptível nos resultados do Coeficiente de Penetração de Importados da indústria geral, divulgado pela Confederação Nacional de Indústria (CNI), que saltou de uma média dos três primeiros trimestres em 2007 de 15,3% para 20,3% na mesma base de comparação em 2014. Esse aumento expressivo do coeficiente de penetração de importados em um curto intervalo de tempo evidencia a ocorrência de um vazamento do crescimento da indústria para o exterior.

A economia brasileira recente (2003-2010) teve tentativas de retomada do crescimento graças à combinação de três fatores, sendo eles o cenário externo favorável, o ambiente interno estável e a ampliação do mercado doméstico. No entanto, nos últimos quatro anos (2011-2014), a economia brasileira passou por um forte declínio no crescimento. Mesmo com os esforços do Governo Federal, o desempenho dos investimentos não responde na mesma intensidade e a indústria de transformação continua com desempenho em queda.

Os principais fatores que impedem o crescimento da economia brasileira são, entre outros, a infraestrutura deficiente, o câmbio excessivamente valorizado, os entraves burocráticos, a elevada carga tributária e os juros e *spread* reais acima da média mundial. Estes fatores impactam na competitividade da indústria de transformação instalada no país, que, ao ser exposta a uma concorrência internacional cada vez mais acirrada, acaba perdendo espaço na geração de emprego, renda e produção, ocasionando a estagnação da economia nacional.

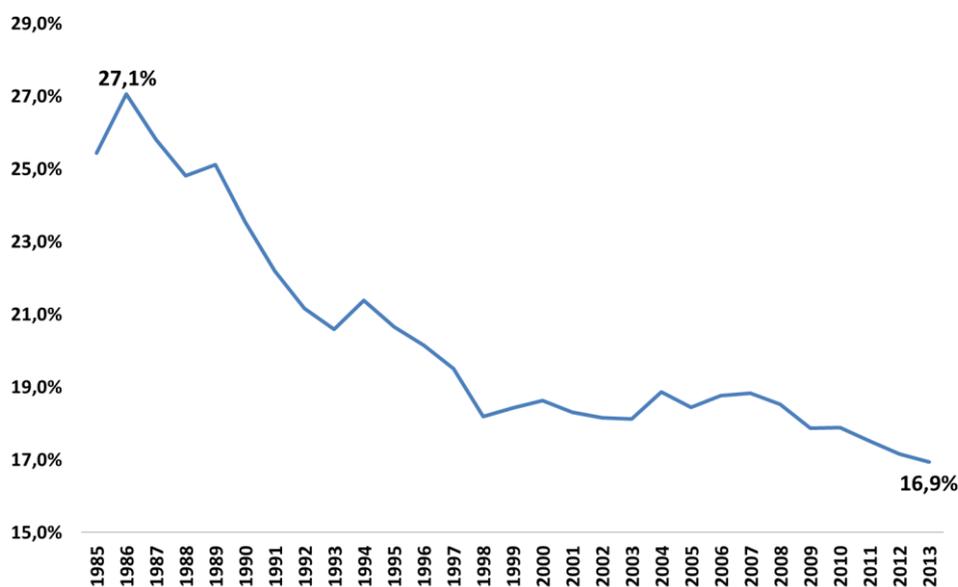
³ Cano, Wilson. A desindustrialização no Brasil. **Economia e Sociedade**, Campinas, v.21, número especial, p.831-851, dez. 2012.

1.2. Evolução da Participação da Indústria de Transformação no Emprego Formal e no Número de Estabelecimentos Industriais

1.2.1. Evolução do Emprego Formal

Segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) contidos na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), a perda de participação da indústria na economia também se refletiu nos empregos formais⁴ gerados por ela. Durante o período de 1985 a 2013, o número de pessoas empregadas na indústria de transformação diminuiu sua participação em relação aos outros setores da economia, registrando, em 2013, a menor participação da série analisada. A indústria de transformação chegou a deter 27,1% dos empregos formais da economia brasileira em 1986, mas sofreu uma queda acentuada de 10,2 pontos percentuais, atingindo uma participação de 16,9% em 2013.

Gráfico 2: Evolução da Participação da Indústria de Transformação no Emprego Formal Brasileiro (1985 a 2013)



Fonte: RAIS - MTE

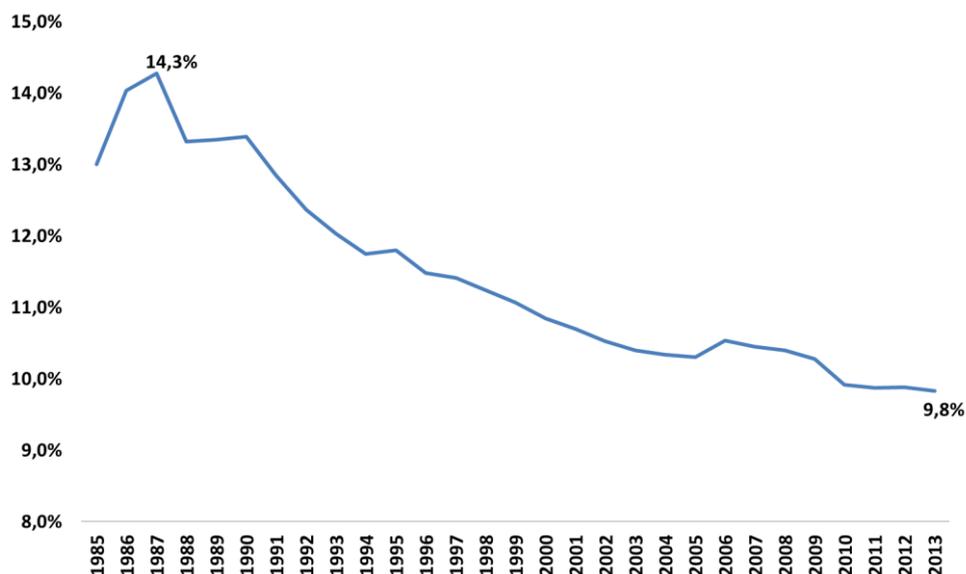
⁴ Empregos formais são os vínculos empregatícios ativos em 31 de dezembro do ano de referência, incluindo tanto celetistas quanto estatutários.

Estes dados representam apenas os trabalhadores formais, mas a indústria apresenta a maior taxa de formalidade entre os setores da economia, 75% contra 67% da média dos demais setores da economia, segundo dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, como veremos mais a diante.

1.2.2. Evolução do Número de Estabelecimentos

Da mesma forma, durante o período de 1985 a 2013, a indústria de transformação também sofreu grande perda de participação em relação ao número de estabelecimentos⁵ para os outros setores da economia, registrando, em 2013, a menor participação da série analisada. A indústria de transformação chegou a deter 14,3% dos estabelecimentos brasileiros em 1987, mas passou a deter apenas 9,8% em 2013, segundo dados da RAIS-MTE.

Gráfico 3: Evolução da Participação da Indústria de Transformação nos Estabelecimentos Brasileiros (1985 a 2013)



Fonte: RAIS - MTE

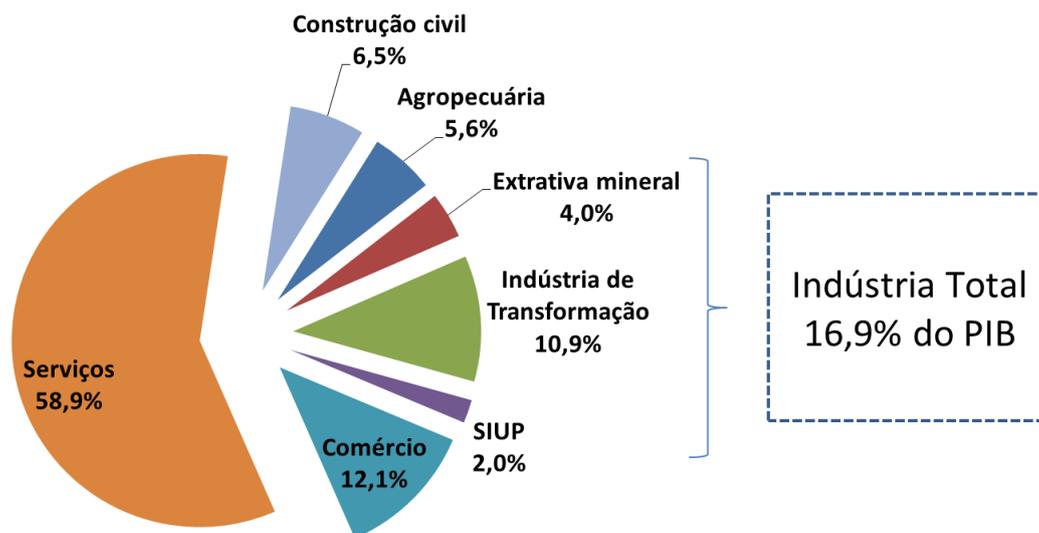
⁵ Os estabelecimentos incluem todos os CNPJ's, com ou sem empregados, com declaração de RAIS ativa. Os CNPJ's que não tiveram empregados durante o ano ou que tiveram suas atividades paralisadas durante o ano não estão incluídos.

2. A INDÚSTRIA BRASILEIRA ATUALMENTE

2.1. Principais Setores da Indústria no PIB

Segundo dados das Contas Nacionais do IBGE, em 2014, a indústria de transformação foi responsável por 10,9% do PIB. Neste mesmo ano, o setor de serviços representou 58,9% do PIB, o comércio 12,1%, a agropecuária 5,6% e a construção civil 6,5%. A indústria total, constituída pela indústria de transformação, pela indústria extrativa mineral e pelos serviços industriais de utilidade pública (SIUP, formado pelos fornecimentos de água, eletricidade, etc.), representava 16,9% do PIB.

Gráfico 4: PIB por Setores da Economia Brasileira em 2014



Fonte: Contas Nacionais / IBGE (2014)

Buscando analisar a produção da indústria de transformação em valores monetários, a variável escolhida foi o valor adicionado (VA). Esta variável é resultado do valor bruto da produção menos o custo intermediário.

2.1.1. Participação Setorial no PIB

Através dos dados mais recentes divulgados na Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE para 2012 e dos dados das Contas Nacionais para este mesmo ano, a Tabela 1 mostra a distribuição do valor adicionado entre os setores industriais e sua participação no PIB. Para o cálculo do valor adicionado por setor, utilizamos o valor adicionado do total da indústria de transformação segundo as Contas Nacionais e a distribuição do valor adicionado entre os setores industriais da PIA.

O valor adicionado da indústria de transformação em 2012 era de R\$ 482,5 bilhões. Os setores com maior participação neste valor, e conseqüentemente no PIB, em 2012 são: produtos alimentícios (16,2% do valor adicionado da Indústria de Transformação); veículos automotores, carrocerias e autopeças (9,5%) e coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (9,3%).

Tabela 1: Valor Adicionado da Indústria de Transformação por Setores no Brasil em 2012

Setores	Valor Adicionado (R\$ milhões)*	Participação % do VA do setor na Indústria de Transformação	Participação % do VA no PIB
Produtos alimentícios	78.260	16,2%	2,1%
Veículos automotores, carrocerias e autopeças	45.942	9,5%	1,2%
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	44.749	9,3%	1,2%
Produtos químicos	35.377	7,3%	0,9%
Máquinas e equipamentos	28.999	6,0%	0,8%
Metalurgia	28.100	5,8%	0,8%
Produtos de minerais não-metálicos	22.885	4,7%	0,6%
Produtos de metal, exc. máquinas e equipamentos	22.239	4,6%	0,6%
Produtos de borracha e de material plástico	19.516	4,0%	0,5%
Bebidas	18.509	3,8%	0,5%
Celulose, papel e produtos de papel	16.308	3,4%	0,4%
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	15.888	3,3%	0,4%
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	15.181	3,1%	0,4%
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	12.604	2,6%	0,3%
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	11.656	2,4%	0,3%
Produtos têxteis	9.682	2,0%	0,3%
Artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	9.277	1,9%	0,2%
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	8.316	1,7%	0,2%
Outros equipamentos de transporte, exc. veículos automotores	8.164	1,7%	0,2%
Móveis	7.601	1,6%	0,2%
Produtos diversos	7.222	1,5%	0,2%
Produtos de madeira	6.912	1,4%	0,2%
Impressão e reprodução de gravações	5.157	1,1%	0,1%
Produtos do fumo	3.950	0,8%	0,1%
Total da Indústria de Transformação	482.494	100,0%	13,0%

Fonte: PIA e Contas Nacionais - IBGE (2012, último dado disponível para a PIA)

* Valor Adicionado Total da Indústria de Transformação segundo dados das Contas Nacionais e distribuição do Valor Adicionado entre os setores segundo a PIA. Valores da PIA para as empresas industriais com 30 ou mais pessoas ocupadas.

2.1.2. Distribuição do Valor Adicionado da Indústria por Estados Brasileiros

Segundo dados das Contas Regionais do Brasil fornecidos pelo IBGE, em 2012, o Estado com maior valor adicionado da indústria de transformação foi São Paulo, com R\$ 196,9 bilhões. Este valor corresponde a 40,8% do valor adicionado da indústria de transformação brasileira.

Os outros Estados que se destacaram com maior valor adicionado da indústria de transformação (Tabela 2) foram os seguintes: Minas Gerais com R\$ 47,8 bilhões, correspondente a 9,9% do valor adicionado da indústria de transformação nacional; Rio Grande do Sul com R\$ 41,6 bilhões, correspondente a 8,6% do valor adicionado da indústria de transformação nacional; e Santa Catarina com R\$ 32,3 bilhões, correspondente a 6,7% do valor adicionado da indústria de transformação no Brasil.

Já dentro do próprio Estado, ou seja, em relação ao PIB estadual, os Estados com maior participação da indústria de transformação foram: Amazonas (24,7% de seu PIB); Santa Catarina (21,5% de seu PIB); Rio Grande do Sul (17,5% de seu PIB); São Paulo (17,0% de seu PIB) e Paraná (14,8% de seu PIB).

Tabela 2: Valor Adicionado da Indústria de Transformação por Estados Brasileiros em 2012

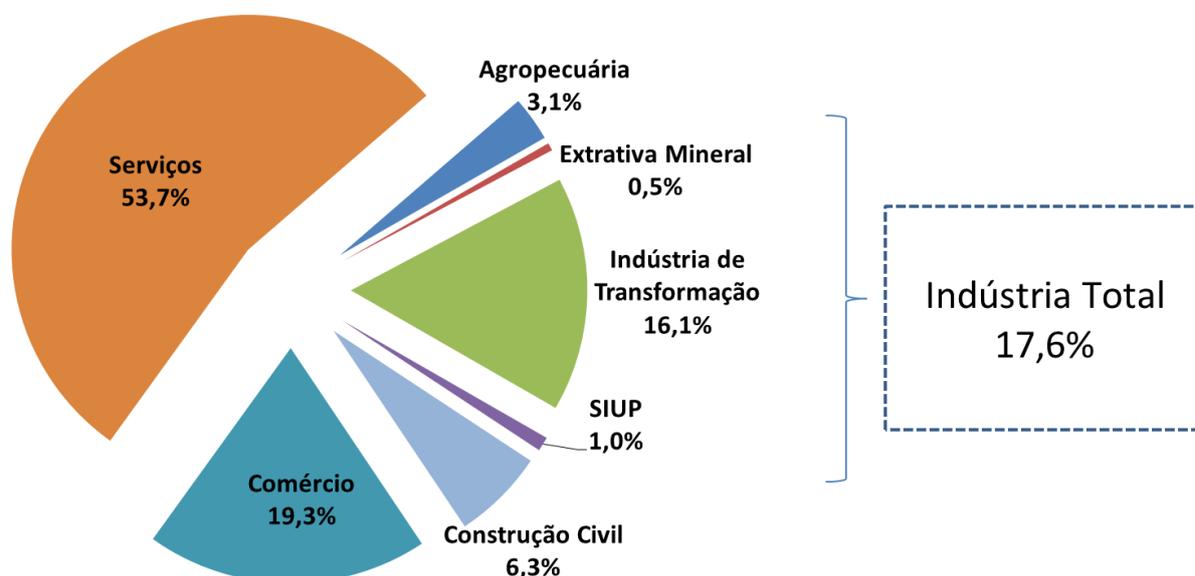
Estado	Valor Adicionado da Indústria de Transformação	%Participação do Estado no Valor adicionado do Brasil	%Participação da Indústria de Transformação no PIB
São Paulo	196.870	40,8%	17,0%
Minas Gerais	47.783	9,9%	13,6%
Rio Grande do Sul	41.592	8,6%	17,5%
Santa Catarina	32.269	6,7%	21,5%
Paraná	32.163	6,7%	14,8%
Rio de Janeiro	30.451	6,3%	7,1%
Goiás	15.321	3,2%	14,2%
Amazonas	12.968	2,7%	24,7%
Bahia	12.782	2,6%	8,8%
Pernambuco	11.074	2,3%	11,2%
Ceará	7.834	1,6%	10,0%
Espírito Santo	7.573	1,6%	8,6%
Mato Grosso	6.014	1,2%	8,3%
Mato Grosso do Sul	5.523	1,1%	11,7%
Pará	4.359	0,9%	5,3%
Paraíba	2.957	0,6%	8,6%
Alagoas	2.794	0,6%	10,6%
Maranhão	2.574	0,5%	5,0%
Distrito Federal	2.282	0,5%	1,5%
Rio Grande do Norte	1.883	0,4%	5,4%
Sergipe	1.597	0,3%	6,5%
Rondônia	1.481	0,3%	5,7%
Piauí	1.151	0,2%	5,1%
Tocantins	601	0,1%	3,4%
Amapá	259	0,1%	2,7%
Acre	246	0,1%	2,8%
Roraima	94	0,0%	1,4%
Brasil	482.494	100,0%	13,0%

Fonte: Contas Regionais do Brasil - IBGE (2012)

2.2. Empregos Formais

De acordo com a RAIS-MTE, em 2013, a indústria de transformação brasileira era responsável por 7,9 milhões de empregos formais, o que equivale a 16,1%⁶ do emprego formal em comparação com todos os setores da economia. Já a indústria total, constituída por indústria de transformação, indústria extrativa mineral e serviços industriais de utilidade pública (SIUP), era responsável por 17,6% do emprego formal.

Gráfico 5: Empregados Formais por Setores da Economia Brasileira em 2013



Fonte: RAIS – MTE

Estas são as participações dos setores apenas no emprego formal. No entanto, cada setor possui uma taxa de formalidade, ou seja, apresenta uma determinada proporção de trabalhadores formais em relação ao total de pessoas ocupadas, como veremos a seguir.

Os dados de formalidade do emprego são calculados a partir da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) realizada pelo IBGE. Utilizamos os dados de 2013, mesmo período do último ano da série de emprego formal

⁶ Na análise da evolução do emprego formal na indústria de transformação, a classificação da indústria de transformação e de seus subsetores utilizada foi a classificação de setor IBGE, para permitir a formação desta série mais longa. Nesta análise de distribuição setorial pontual (ano de 2013), utilizamos a classificação por CNAE 2.0, que permite uma abertura maior de setores.

da RAIS do MTE. Os dados desta pesquisa, entretanto, permitem uma abertura menor de setores, restringindo as informações apenas à indústria total, que inclui também os serviços industriais de utilidade pública e a indústria extrativa mineral.

Para o cálculo da taxa de formalidade, foram considerados como empregos formais os relativos aos segmentos empregadores, empregados com carteira assinada, militares e servidores civis estatutários, enquanto os empregos informais incorporam os segmentos empregados por conta própria, empregados sem carteira de trabalho assinada e trabalhadores não remunerados.

Assim, temos que, em 2013, a indústria total apresentava a maior taxa de formalidade de emprego em comparação a todos os setores. Enquanto, na média dos setores, a taxa de formalidade era de 67%, na indústria era de 75%.

Tabela 3: Taxa de Formalidade por Setores da Economia Brasileira em 2013

Setores	Taxa de formalidade*
Comércio	62%
Construção	47%
Indústria	75%
Serviços	70%
Outras atividades	47%
Total	67%

Fonte: PME / IBGE (2013)

* Calculada pela divisão do número de empregos formais (empregadores, empregados com carteira assinada, militares e servidores civis estatutários) dividido pelo total de empregos formais e informais.

Isso significa que a queda de participação da indústria no emprego implica na redução da participação do setor que oferece uma maior proporção de empregos com direitos trabalhistas assegurados, nos quais os empregados podem usufruir de direitos como FGTS, seguro desemprego e licença maternidade.

2.2.1. Distribuição Setorial do Emprego Formal

Segundo dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2013, entre os setores da indústria de transformação, aquele que mais empregava era o de alimentos (19,0% dos empregados formais na

indústria de transformação), seguido pelo de confecções de artigos do vestuário e acessórios (8,8%) e, em terceiro lugar, o setor de produtos de metal (6,8%), de acordo com a Tabela 4.

Tabela 4: Empregados Formais por Setores da Indústria de Transformação Brasileira em 2013

Setores da Indústria de Transformação	Empregados formais	Participação
Produtos Alimentícios	1.504.798	19,0%
Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios	696.085	8,8%
Produtos de Metal, exc. Máquinas e Equipamentos	535.015	6,8%
Veículos Automotores, Carrocerias e Autopeças	532.364	6,7%
Produtos de Minerais Não-Metálicos	460.712	5,8%
Produtos de Borracha e de Material Plástico	457.043	5,8%
Máquinas e Equipamentos	428.140	5,4%
Artefatos de Couro, Artigos para Viagem e Calçados	395.461	5,0%
Produtos Têxteis	302.869	3,8%
Móveis	284.319	3,6%
Produtos Químicos	281.824	3,6%
Metalurgia	250.700	3,2%
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	225.643	2,9%
Produtos de Madeira	192.868	2,4%
Celulose, Papel e Produtos de Papel	181.634	2,3%
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipos.	180.304	2,3%
Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	179.041	2,3%
Coque, Derivados do Petróleo e Biocombustíveis	162.777	2,1%
Produtos Diversos	156.918	2,0%
Bebidas	139.074	1,8%
Impressão e Reprodução de Gravações	123.924	1,6%
Outros Equipamentos de Transporte, exc. Veículos Automotores	115.065	1,5%
Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	99.388	1,3%
Produtos do Fumo	14.170	0,2%
Total da Indústria de Transformação	7.900.136	100,0%

Fonte: RAIS - MTE

2.2.2. Distribuição do Emprego Formal nos Estados Brasileiros

Ainda a partir dos dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2013, o Estado de São Paulo tinha a maior parcela de empregados formais na indústria de transformação brasileira (33,9%). Em

seguida, Minas Gerais (10,4%), Rio Grande do Sul (9,1%) e Paraná (8,7%), observando a Tabela 5. Analisaremos, a seguir, quais são os principais setores dos Estados com a maior participação no emprego formal da indústria de transformação em 2013.

Em São Paulo, os setores que se destacaram em 2013 em relação à população ocupada na indústria de transformação do Estado foram: alimentos, com 14,2% do emprego formal na indústria de transformação do Estado; veículos automotores, carroceria e autopeças, com 10,7%; produtos de metal, com 8,2%. Em Minas Gerais, o setor que mais empregava era o de alimentos (19,0%), seguido por veículos automotores, carrocerias e autopeças (9,5%) e confecções de artigos do vestuário e acessórios (9,5%). Já no Rio Grande do Sul, o setor que mais empregava era o de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados (17,3%), seguido pelo de alimentos (16,7%) e, em terceiro lugar, pelo de máquinas e equipamentos (9,6%). No Paraná, o setor que mais empregava era o de alimentos (26,0%), seguido pelo de confecções de artigos do vestuário e acessórios (10,6%) e pelo de veículos automotores, carroceria e autopeças (6,7%).

Ao olharmos para a distribuição dos setores entre os Estados, podemos destacar o setor de alimentos, aparece entre os três principais setores em quantidade de empregados formais em todos os Estados, exceto no Amazonas. Assim, além de ser um setor de bastante peso no emprego industrial (19,0% do emprego industrial brasileiro), ele também é bastante desconcentrado regionalmente.

Tabela 5: Empregados Formais da Indústria de Transformação por Estados Brasileiros em 2013

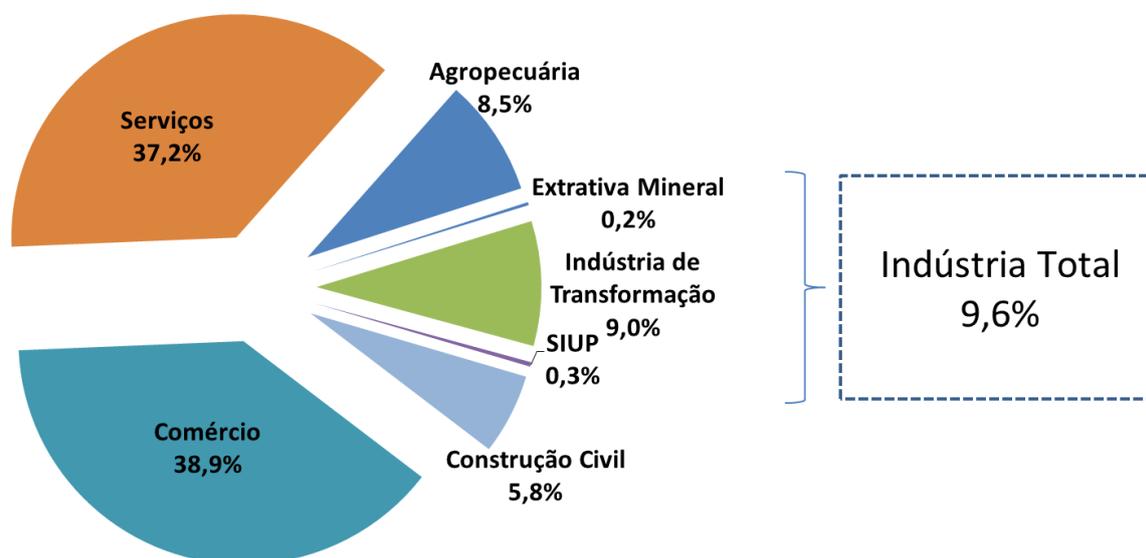
Estados	Empregados formais	Participação
São Paulo	2.679.756	33,9%
Minas Gerais	822.304	10,4%
Rio Grande do Sul	722.805	9,1%
Paraná	685.143	8,7%
Santa Catarina	663.225	8,4%
Rio de Janeiro	414.001	5,2%
Ceará	254.872	3,2%
Goiás	241.516	3,1%
Pernambuco	226.886	2,9%
Bahia	217.824	2,8%
Amazonas	133.396	1,7%
Espírito Santo	117.379	1,5%
Mato Grosso	104.927	1,3%
Mato Grosso do Sul	92.361	1,2%
Alagoas	91.462	1,2%
Pará	82.547	1,0%
Paraíba	77.678	1,0%
Rio Grande do Norte	64.011	0,8%
Sergipe	45.249	0,6%
Maranhão	40.129	0,5%
Rondônia	36.114	0,5%
Distrito Federal	29.292	0,4%
Piauí	28.314	0,4%
Tocantins	16.403	0,2%
Acre	6.646	0,1%
Amapá	3.305	0,0%
Roraima	2.591	0,0%
BRASIL	7.900.136	100%

Fonte: RAIS - MTE

2.3. Estabelecimentos Industriais

Segundo dados da RAIS-MTE, em 2013, a indústria de transformação detinha 346.660 estabelecimentos no Brasil, o que representava 9,0%⁷ dos estabelecimentos de todos os setores de atividade da economia, enquanto a indústria total, constituída por indústria de transformação, indústria extrativa mineral, construção e serviços industriais de utilidade pública, registrava 9,6% dos estabelecimentos.

Gráfico 6: Estabelecimentos por Setor da Economia Brasileira em 2013



Fonte: RAIS – MTE

2.3.1. Distribuição Setorial dos Estabelecimentos Industriais

A análise dos dados da RAIS-MTE contidos na Tabela 6 nos possibilita afirmar que, em 2013, entre os setores da indústria de transformação, aquele que mais tinha estabelecimentos era o de confecções de

⁷ Na análise da evolução dos estabelecimentos da indústria de transformação, a classificação da indústria de transformação e de seus subsetores utilizada foi a classificação de setor IBGE, para permitir a formação desta série mais longa. Nesta análise de distribuição setorial pontual (ano de 2013), utilizamos a classificação por CNAE 2.0, que permite uma abertura maior de setores.

artigos do vestuário e acessórios (17,0%), seguido pelo alimentício (12,6%) e, em terceiro lugar, pelo setor de produtos de metal (11,7%).

Tabela 6: Estabelecimentos da Indústria de Transformação por Setores no Brasil em 2013

Setores da Indústria de Transformação	Número de estabelecimentos	Participação
Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios	59.101	17,0%
Produtos Alimentícios	43.800	12,6%
Produtos de Metal, exc. Máquinas e Equipamentos	40.443	11,7%
Produtos de Minerais Não-Metálicos	28.141	8,1%
Móveis	21.419	6,2%
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipos.	18.306	5,3%
Produtos de Madeira	15.932	4,6%
Máquinas e Equipamentos	14.712	4,2%
Impressão e Reprodução de Gravações	14.552	4,2%
Produtos de Borracha e de Material Plástico	14.395	4,2%
Artefatos de Couro, Artigos para Viagem e Calçados	13.714	4,0%
Produtos Diversos	12.770	3,7%
Produtos Têxteis	11.219	3,2%
Produtos Químicos	9.222	2,7%
Veículos Automotores, Carrocerias e Autopeças	6.386	1,8%
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	4.572	1,3%
Celulose, Papel e Produtos de Papel	4.465	1,3%
Metalurgia	4.425	1,3%
Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	3.683	1,1%
Bebidas	2.380	0,7%
Outros Equipamentos de Transporte, exc. Veículos Automotores	1.247	0,4%
Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	908	0,3%
Coque, Derivados do Petróleo e Biocombustíveis	636	0,2%
Produtos do Fumo	232	0,1%
Total da Indústria de Transformação	346.660	100,0%

Fonte: RAIS - Ministério do Trabalho e Emprego

2.3.2. Distribuição dos Estabelecimentos Industriais entre os Estados da Federação

Segundo os dados apresentados na Tabela 7, em 2013, São Paulo era o Estado com maior participação no número de estabelecimentos da indústria de transformação, com 27,0%. Neste mesmo ano, outros Estados que se destacaram foram Minas Gerais (12,5%), Rio Grande do Sul (10,8%) e Santa Catarina (9,7%).

Com relação aos setores com maior participação nos estabelecimentos industriais dos Estados em destaque, percebe-se que, em São Paulo, o setor que mantinha mais estabelecimentos em 2013 era o de confecções de artigos do vestuário e acessórios (16,5%), seguido pelo de produtos de metal (13,0%) e de alimentos (7,9%).

Em Minas Gerais, o setor que mais tinha estabelecimentos industriais era o de confecções de artigos do vestuário e acessórios (17,8%), seguido pelo de alimentos (15,6%) e pelo de produtos de metal (12,0%).

Já no Rio Grande do Sul, o setor que possuía o maior número de estabelecimentos era o de produtos de metal (14,5%), seguido pelo de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados (12,2%) e pelo de alimentos (11,6%).

Em Santa Catarina, o setor que mais tinha estabelecimentos era o de confecção de artigos do vestuário e acessórios (24,6%), seguido pelo de produtos de metal (10,7%) e pelo de alimentos (9,9%).

Entre os quatros principais Estados em número de estabelecimentos industriais (SP, MG, RS e SC), apenas um deles, o Rio Grande do Sul, não tem como seus três principais setores os mesmos três principais setores do Brasil como um todo (confecção de artigos do vestuário, alimentos e produtos de metal). Neste Estado, ao invés do setor de confecção de artigos do vestuário, destaca-se, entre os três principais, o setor de artefatos de couro e calçados, devido à existência de um importante polo calçadista no Estado.

Tabela 7: Estabelecimentos da Indústria de Transformação por Estados Brasileiros em 2013

Estados	Número de estabelecimentos	Participação
São Paulo	93.682	27,0%
Minas Gerais	43.378	12,5%
Rio Grande do Sul	37.272	10,8%
Santa Catarina	33.705	9,7%
Paraná	32.511	9,4%
Rio de Janeiro	17.071	4,9%
Goiás	13.346	3,8%
Bahia	10.948	3,2%
Ceará	10.351	3,0%
Pernambuco	10.191	2,9%
Espírito Santo	7.209	2,1%
Mato Grosso	5.908	1,7%
Pará	4.062	1,2%
Mato Grosso do Sul	3.406	1,0%
Rio Grande do Norte	3.360	1,0%
Paraíba	3.222	0,9%
Distrito Federal	2.635	0,8%
Rondônia	2.343	0,7%
Piauí	2.223	0,6%
Maranhão	2.177	0,6%
Sergipe	1.933	0,6%
Amazonas	1.743	0,5%
Alagoas	1.699	0,5%
Tocantins	1.198	0,3%
Acre	539	0,2%
Amapá	305	0,1%
Roraima	243	0,1%
BRASIL	346.660	100%

Fonte: RAIS - MTE

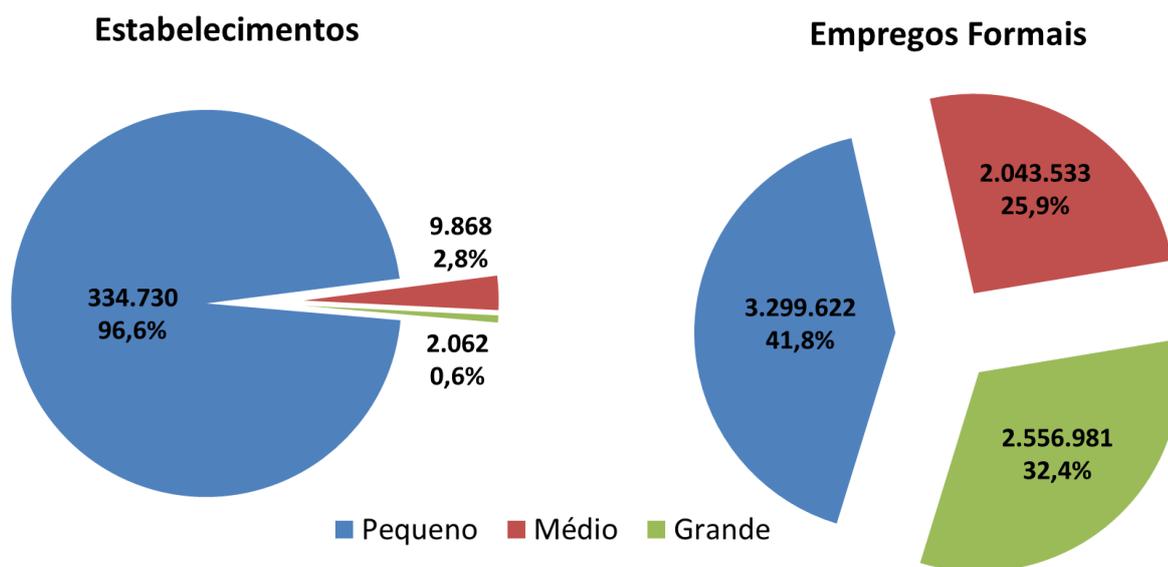
2.4. Distribuição da Indústria de Transformação por Porte

Segundo os dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2013, os estabelecimentos da indústria de transformação tinham, em média, 22,8 empregados formais.

Os estabelecimentos de pequeno porte, com até 99 empregados formais, eram a maioria em 2013, com 96,6% dos estabelecimentos, o que correspondia a 334.730 estabelecimentos. Já os estabelecimentos de porte médio, com 100 a 499 empregados formais, representavam 2,8% do total (9.868 estabelecimentos). Os estabelecimentos com mais de 500 empregados formais, de grande porte, representavam 0,6% do total (2.062 estabelecimentos).

Em 2013, os estabelecimentos de pequeno porte empregavam 41,8% dos empregados formais, o que totalizava 3,3 milhões de pessoas. Por sua vez, os estabelecimentos de porte médio absorviam 25,9% dos empregados formais (2,0 milhões de pessoas). E os estabelecimentos de grande porte empregavam mais que os de médio porte, 2,6 milhões de pessoas, que representam 32,4% do emprego formal.

Gráfico 7: Estabelecimentos e Empregados Formais da Indústria de Transformação por Porte em 2013



Fonte: RAIS – MTE

Analisando por setores, o de coque, derivados de petróleo e biocombustíveis é, de longe, o setor com maior concentração de estabelecimentos de grande porte. Neste setor, 15,6% dos estabelecimentos apresentavam 500 ou mais empregados formais em 2013. Por outro lado, o setor com o maior número de estabelecimentos de grande porte é o de alimentos, com um total de 566 estabelecimentos deste porte.

O setor de produtos farmoquímicos e farmacêuticos detém a maior concentração de estabelecimentos com 100 a 499 empregados formais, médio porte, 17,3%.

O setor de coque, derivados do petróleo e biocombustíveis apresenta o maior porte médio. Seus estabelecimentos têm, em média, 256 empregados formais.

Os setores com maior concentração de estabelecimentos de pequeno porte são os de impressão e reprodução de gravações (99,1%), o de manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (98,9%) e o de confecção de artigos do vestuário e acessórios (98,7%), que, conseqüentemente, apresentam os menores portes médios: 8,5, 9,8 e 11,8 empregados formais por estabelecimento, respectivamente.

Tabela 8: Quantidade de Estabelecimentos por Porte para Setores da Indústria de Transformação no Brasil em 2013

Setores	Empregados por estabelecimento	Pequeno Porte	Médio Porte	Grande Porte
Coque, Petróleo e Biocombustíveis	255,9	432 (67,9%)	105 (16,5%)	99 (15,6%)
Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	109,5	704 (77,5%)	157 (17,3%)	47 (5,2%)
Outros Equipamentos de Transporte	92,3	1.115 (89,4%)	91 (7,3%)	41 (3,3%)
Veículos, Carrocerias e Autopeças	83,4	5.624 (88,1%)	556 (8,7%)	206 (3,2%)
Produtos do Fumo	61,1	205 (88,4%)	20 (8,6%)	7 (3,0%)
Bebidas	58,4	2.113 (88,8%)	196 (8,2%)	71 (3,0%)
Metalurgia	56,7	4.063 (91,8%)	273 (6,2%)	89 (2,0%)
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	49,4	4.174 (91,3%)	331 (7,2%)	67 (1,5%)
Informática, Eletrônicos e Ópticos	48,6	3.379 (91,7%)	241 (6,5%)	63 (1,7%)
Celulose, Papel e Produtos de Papel	40,7	4.094 (91,7%)	302 (6,8%)	69 (1,5%)
Produtos Alimentícios	34,4	41.707 (95,2%)	1.527 (3,5%)	566 (1,3%)
Produtos de Borracha e de Material Plástico	31,8	13.496 (93,8%)	806 (5,6%)	93 (0,6%)
Produtos Químicos	30,6	8.621 (93,5%)	537 (5,8%)	64 (0,7%)
Máquinas e Equipamentos	29,1	13.926 (94,7%)	684 (4,6%)	102 (0,7%)
Artefs. Couro, Artigos para Viagem e Calçados	28,8	13.104 (95,6%)	508 (3,7%)	102 (0,7%)
Produtos Têxteis	27,0	10.669 (95,1%)	459 (4,1%)	91 (0,8%)
Produtos de Minerais Não-Metálicos	16,4	27.566 (98,0%)	526 (1,9%)	49 (0,2%)
Móveis	13,3	20.966 (97,9%)	424 (2,0%)	29 (0,1%)
Produtos de Metal, exc. Máquinas e Equipos.	13,2	39.660 (98,1%)	720 (1,8%)	63 (0,2%)
Produtos Diversos	12,3	12.550 (98,3%)	196 (1,5%)	24 (0,2%)
Produtos de Madeira	12,1	15.706 (98,6%)	208 (1,3%)	18 (0,1%)
Artigos do Vestuário e Acessórios	11,8	58.326 (98,7%)	716 (1,2%)	59 (0,1%)
Manutenção, Reparação e Instalação	9,8	18.107 (98,9%)	174 (1,0%)	25 (0,1%)
Impressão e Reprodução de Gravações	8,5	14.423 (99,1%)	111 (0,8%)	18 (0,1%)
Total da Indústria de Transformação	22,8	334.730 (96,6%)	9.868 (2,8%)	2.062 (0,6%)

Fonte: RAIS - MTE

2.5. Distribuição Espacial dos Grandes Estabelecimentos Industriais no Brasil

Em 2013, segundo dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, a maior parte dos estabelecimentos da indústria de transformação de grande porte, com 500 ou mais empregados formais, estava concentrada no Estado de São Paulo, que detinha 35,3% dos estabelecimentos deste porte no país (728 estabelecimentos). Em segundo lugar, estava Minas Gerais, com 10,2% (211 estabelecimentos) e, em terceiro lugar, o Rio Grande do Sul, com 9,7% (200 estabelecimentos). Por outro lado, os Estados do Acre, Roraima e Amapá não apresentavam estabelecimentos de grande porte da indústria de transformação.

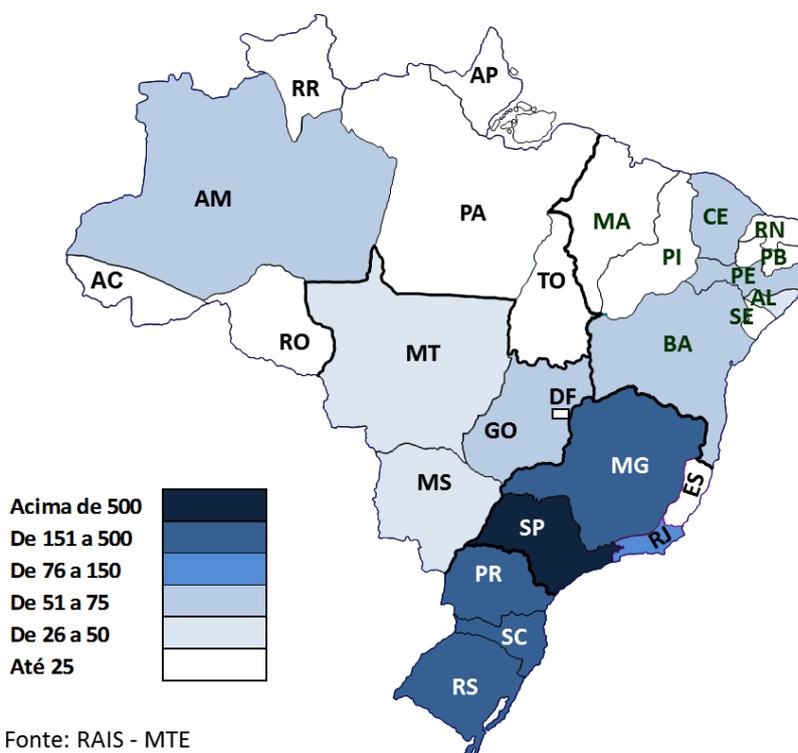
Tabela 9: Concentração dos Estabelecimentos de Grande Porte (500 ou mais empregados formais) da Indústria de Transformação por Estados Brasileiros em 2013

Estados	Estabelecimentos da Ind. de Transformação de grande porte	% Participação dos Estados no Brasil
São Paulo	728	35,3%
Minas Gerais	211	10,2%
Rio Grande do Sul	200	9,7%
Santa Catarina	158	7,7%
Paraná	153	7,4%
Rio de Janeiro	105	5,1%
Goiás	68	3,3%
Amazonas	65	3,2%
Bahia	57	2,8%
Ceará	53	2,6%
Pernambuco	51	2,5%
Mato Grosso do Sul	35	1,7%
Mato Grosso	34	1,6%
Alagoas	27	1,3%
Pará	20	1,0%
Espírito Santo	20	1,0%
Paraíba	19	0,9%
Maranhão	12	0,6%
Sergipe	11	0,5%
Rio Grande do Norte	10	0,5%
Rondônia	8	0,4%
Tocantins	6	0,3%
Piauí	6	0,3%
Distrito Federal	5	0,2%
BRASIL	2.062	100,0%

Fonte: RAIS - MTE

O mapa abaixo ilustra a distribuição dos estabelecimentos industriais com mais de 500 empregados formais no Brasil. A maior concentração de estabelecimentos de grande porte está nos Estados das regiões Sudeste e Sul.

**Figura 1: Distribuição por Estados Brasileiros dos Estabelecimentos de Grande Porte
(500 ou mais empregados formais) em 2013**



A seguir, ainda segundo os dados da RAIS-MTE, verificamos a distribuição dos estabelecimentos da indústria de transformação de grande porte para os setores com maior participação no número de empregados formais.

No setor de alimentos, a maior concentração de estabelecimentos com 500 ou mais empregados formais está no Estado de São Paulo (31,6% dos estabelecimentos deste porte no setor). Em seguida, encontram-se Paraná, com 11,3%, e Minas Gerais, com 8,8%.

O setor de confecção de artigos do vestuário e acessórios concentra 28,8% de seus estabelecimentos de grande porte em Santa Catarina, 20,3% em São Paulo e 10,2% no Rio de Janeiro.

No setor de produtos de metal, a maior concentração de estabelecimentos de grande porte está em São Paulo (34,9%), que é seguido pelo Rio Grande do Sul, com 22,2%, e Rio de Janeiro, com 7,9%.

O setor de veículos automotores, carrocerias e autopeças concentra 54,4% dos estabelecimentos de grande porte em São Paulo, 17,5% em Minas Gerais e 10,2% no Rio Grande do Sul. No total, estes três Estados são responsáveis por 82,0% dos estabelecimentos de grande porte do setor.

No setor de produtos de minerais não metálicos, o Estado de São Paulo concentra 42,9% dos estabelecimentos de grande porte, Minas Gerais detém 12,2% e Paraná, 10,2%.

Já o setor de produtos de borracha e plástico concentra 38,7% dos estabelecimentos com 500 ou mais empregados formais em São Paulo, 14,0% em Santa Catarina e 10,8% em Minas Gerais.

No setor de máquinas e equipamentos, 52,9% dos estabelecimentos de grande porte estão localizados no Estado de São Paulo, 17,6% estão no Rio Grande do Sul. Em terceiro lugar, temos Santa Catarina, com 6,9%.

O setor de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados concentra 37,3% de seus estabelecimentos de grande porte no Rio Grande do Sul, 16,7% no Ceará e 16,7% na Bahia.

O setor têxtil concentra 30,8% de seus estabelecimentos de grande porte no Estado de São Paulo, 22,0% em Santa Catarina, e 12,1% em Minas Gerais.

Já no setor de móveis, 24,1% dos estabelecimentos de grande porte estão localizados no Rio Grande do Sul e o mesmo percentual em São Paulo. Em seguida, temos Minas Gerais, com 20,7%.

O Estado de São Paulo fica em primeiro lugar em oito dos dez principais setores em relação aos estabelecimentos de grande porte, conforme Tabela 10. As exceções são os setores de confecções de artigos do vestuário, com destaque para o polo de malhas em Santa Catarina, e o setor de artefatos de couro e calçados, com destaque para o polo calçadista no Rio Grande do Sul. No setor de móveis, São Paulo divide o primeiro lugar com o Rio Grande do Sul.

Tabela 10: Estados Brasileiros que Concentram a Maior Parte dos Estabelecimentos de Grande Porte nos Setores de Maior Participação no Total de Empregados Formais em 2013

Setores	1º lugar	2º lugar	3º lugar
Produtos Alimentícios	SP (31,6%)	PR (11,3%)	MG (8,8%)
Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios	SC (28,8%)	SP (20,3%)	RJ (10,2%)
Produtos de Metal, exc. Máquinas e Equipamentos	SP (34,9%)	RS (22,2%)	RJ (7,9%)
Veículos Automotores, Carrocerias e Autopeças	SP (54,4%)	MG (17,5%)	RS (10,2%)
Produtos de Minerais Não-Metálicos	SP (42,9%)	MG (12,2%)	PR (10,2%)
Produtos de Borracha e de Material Plástico	SP (38,7%)	SC (14,0%)	MG (10,8%)
Máquinas e Equipamentos	SP (52,9%)	RS (17,6%)	SC (6,9%)
Artefatos de Couro, Artigos para Viagem e Calçados	RS (37,3%)	CE (16,7%)	BA (16,7%)
Produtos Têxteis	SP (30,8%)	SC (22,0%)	MG (12,1%)
Móveis	RS (24,1%) SP (24,1%)	-	MG (20,7%)

Fonte: RAIS – MTE

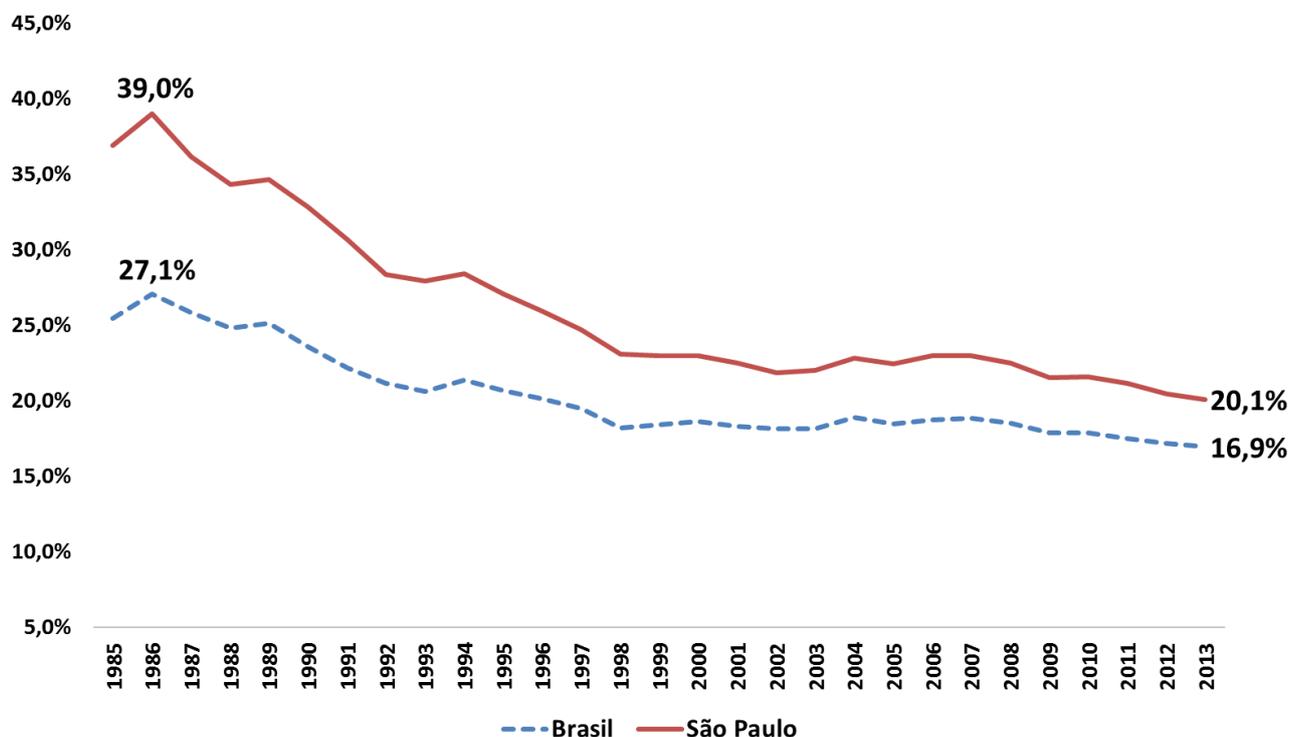
3. A INDÚSTRIA PAULISTA

3.1. Evolução da Participação do Emprego Formal na Indústria de Transformação e do Número de Estabelecimentos Industriais no Estado de São Paulo

3.1.1. Evolução do Emprego Formal na Indústria Paulista

Segundo informações da RAIS-MTE, durante o período de 1985 a 2013, assim como verificado no Brasil, o número de pessoas empregadas na indústria de transformação paulista diminuiu sua participação em relação aos outros setores da economia, registrando, em 2013, a menor participação da série analisada. A indústria de transformação, que em São Paulo chegou a deter 39,0% dos empregos formais da economia paulista em 1986, sofreu uma queda brusca de 18,9 pontos percentuais, chegando a uma participação de 20,1% em 2013.

Gráfico 8: Evolução da Participação da Indústria de Transformação no Emprego Formal Paulista (1985 a 2013)



Fonte: RAIS – MTE

3.1.2. Interiorização do Emprego Industrial Paulista

A perda de participação da indústria de transformação no total de empregos em São Paulo, no entanto, não foi igualmente distribuída em todo o Estado. Para esta análise, utilizamos dados de emprego formal da RAIS-MTE para os anos de 1993 e 2013. Para permitir a formação desta série mais longa, a classificação da indústria de transformação e de seus subsetores utilizada para esta análise é a classificação de setor IBGE. Esta classificação é diferente da utilizada ao longo deste trabalho para a distribuição setorial pontual (ano de 2013), para a qual utilizamos a classificação por CNAE 2.0. Enquanto a classificação por setor IBGE permite uma série mais longa, a classificação por CNAE 2.0 permite uma abertura maior de setores.

Assim, temos que, entre 1993 e 2013, duas Regiões Administrativas tiveram aumento de participação da indústria de transformação no total de empregos no período: Presidente Prudente e Barretos. Por outro lado, as demais regiões perderam participação da indústria de transformação no total do emprego, com destaque para São Paulo, Registro e Franca e Campinas. Na Região Administrativa de Franca,

a indústria de transformação perdeu participação, mas a região permaneceu como a de maior participação do emprego industrial no emprego total.

Tabela 11: Participação do Emprego da Indústria de Transformação no Total de Empregos Formais das Regiões Administrativas de São Paulo entre 1993 e 2013

Regiões Administrativas	1993			2013			Participação de 2013-1993 (em p.p.)
	Emprego Total	Emprego na IT	Participação IT no Total	Emprego Total	Emprego na IT	Participação IT no Total	
Araçatuba	83.188	28.251	34,0%	191.735	58.256	30,4%	-3,6
Barretos	51.904	11.474	22,1%	118.970	27.569	23,2%	1,1
Bauru	146.082	40.197	27,5%	329.710	84.121	25,5%	-2,0
Campinas	849.472	358.265	42,2%	2.133.803	646.069	30,3%	-11,9
Central	149.934	51.262	34,2%	298.178	90.585	30,4%	-3,8
Franca	87.179	41.630	47,8%	189.548	64.576	34,1%	-13,7
Marília	101.971	24.790	24,3%	246.122	54.181	22,0%	-2,3
Presidente Prudente	79.450	13.492	17,0%	194.472	40.773	21,0%	4,0
Registro	13.514	2.704	20,0%	44.629	3.052	6,8%	-13,2
Ribeirão Preto	164.281	42.546	25,9%	410.957	91.528	22,3%	-3,6
Santos	187.436	19.434	10,4%	410.513	24.659	6,0%	-4,4
São José do Rio Preto	136.965	36.076	26,3%	408.401	103.824	25,4%	-0,9
São José dos Campos	236.048	78.848	33,4%	600.639	136.663	22,8%	-10,7
São Paulo	4.143.802	1.256.925	30,3%	7.684.602	1.174.154	15,3%	-15,1
Sorocaba	316.738	122.152	38,6%	762.061	222.579	29,2%	-9,4
Total do Estado	6.747.964	2.128.046	31,5%	14.024.340	2.822.589	20,1%	-11,4

Fonte: RAIS-MTE

Ao mesmo tempo em que a indústria de transformação paulista perdia participação em relação aos demais setores da economia, ela também sofria um rearranjo espacial dentro do Estado. O principal movimento do emprego industrial no período foi um deslocamento da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) para o interior do Estado em todos os setores. Apesar disso, a RMSP ainda detinha 41,6% do emprego formal industrial em 2013.

A Tabela 12 mostra a distribuição do emprego formal industrial entre as Regiões Administrativas e a distribuição do emprego de cada setor também entre as regiões para os dois anos extremos, 1993 e 2013, além da diferença (em pontos percentuais) da participação de cada região entre os dois anos. As células marcadas em azul indicam as regiões que mais ganharam participação no emprego deste setor, e as células marcadas em vermelho indicam as regiões que mais perderam participação no setor.

Tabela 12: Participação dos Empregos Regionais nos Empregos Estaduais do Setor e Variação da Participação entre 1993 e 2013

Regiões Administrativas	Ano	Total	Indústria de transformação	Minerais não metálicos	Metalurgia	Mecânica	Elétrico e Comunicação	Material de Transporte
Araçatuba	1993	1,2%	1,3%	1,0%	0,4%	0,5%	0,1%	0,1%
	2013	1,4%	2,1%	1,1%	0,5%	1,2%	0,5%	0,3%
	2013-1993	0,2	0,8	0,1	0,1	0,7	0,4	0,2
Barretos	1993	0,8%	0,5%	0,1%	0,1%	0,3%	0,3%	0,0%
	2013	0,8%	1,0%	0,2%	0,5%	0,5%	0,7%	0,0%
	2013-1993	0,0	0,5	0,1	0,4	0,2	0,4	0,0
Bauru	1993	2,2%	1,9%	2,6%	0,5%	1,1%	0,8%	0,3%
	2013	2,4%	3,0%	1,8%	1,4%	2,1%	3,3%	0,3%
	2013-1993	0,2	1,1	-0,8	0,9	1,0	2,5	0,0
Campinas	1993	12,6%	16,8%	26,7%	14,0%	21,6%	13,0%	11,9%
	2013	15,2%	22,9%	36,9%	20,1%	27,8%	26,6%	27,4%
	2013-1993	2,6	6,1	10,2	6,1	6,2	13,6	15,5
Central	1993	2,2%	2,4%	3,9%	1,1%	7,0%	0,7%	0,5%
	2013	2,1%	3,2%	4,1%	1,7%	6,0%	2,0%	1,3%
	2013-1993	-0,1	0,8	0,2	0,6	-1,0	1,3	0,8
Franca	1993	1,3%	2,0%	0,4%	1,0%	0,9%	0,2%	0,1%
	2013	1,4%	2,3%	0,5%	1,4%	1,0%	0,7%	0,2%
	2013-1993	0,1	0,3	0,1	0,4	0,1	0,5	0,1
Marília	1993	1,5%	1,2%	1,0%	0,4%	2,2%	0,1%	0,1%
	2013	1,8%	1,9%	1,4%	1,4%	2,6%	1,8%	0,1%
	2013-1993	0,3	0,7	0,4	1,0	0,4	1,7	0,0
Presidente Prudente	1993	1,2%	0,6%	0,9%	0,2%	0,3%	0,2%	0,0%
	2013	1,4%	1,4%	2,2%	0,4%	0,2%	1,1%	0,2%
	2013-1993	0,2	0,8	1,3	0,2	-0,1	0,9	0,2
Registro	1993	0,2%	0,1%	0,2%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%
	2013	0,3%	0,1%	0,3%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
	2013-1993	0,1	0,0	0,1	0,0	-0,1	0,0	0,0
Ribeirão Preto	1993	2,4%	2,0%	1,6%	0,6%	3,5%	0,2%	0,5%
	2013	2,9%	3,2%	1,7%	3,5%	4,7%	1,1%	0,7%
	2013-1993	0,5	1,2	0,1	2,9	1,2	0,9	0,2
Santos	1993	2,8%	0,9%	1,5%	0,2%	0,4%	0,1%	0,4%
	2013	2,9%	0,9%	0,9%	2,7%	0,4%	0,1%	0,5%
	2013-1993	0,1	0,0	-0,6	2,5	0,0	0,0	0,1
São José do Rio Preto	1993	2,0%	1,7%	1,0%	1,6%	0,6%	0,5%	0,4%
	2013	2,9%	3,7%	2,6%	3,1%	2,0%	1,9%	2,0%
	2013-1993	0,9	2,0	1,6	1,5	1,4	1,4	1,6
São José dos Campos	1993	3,5%	3,7%	3,0%	3,1%	2,2%	6,0%	8,5%
	2013	4,3%	4,8%	5,5%	6,3%	5,1%	4,3%	14,2%
	2013-1993	0,8	1,1	2,5	3,2	2,9	-1,7	5,7
São Paulo	1993	61,4%	59,1%	42,5%	70,2%	54,7%	72,0%	72,2%
	2013	54,8%	41,6%	29,6%	48,4%	36,9%	45,6%	44,3%
	2013-1993	-6,6	-17,5	-12,9	-21,8	-17,8	-26,4	-27,9
Sorocaba	1993	4,7%	5,7%	13,5%	6,4%	4,8%	5,6%	4,8%
	2013	5,4%	7,9%	11,2%	8,4%	9,4%	10,4%	8,4%
	2013-1993	0,7	2,2	-2,3	2,0	4,6	4,8	3,6

Fonte: RAIS-MTE

Tabela 12: Participação dos Empregos Regionais nos Empregos Estaduais do Setor e Variação da Participação entre 1993 e 2013 (continuação)

Região Administrativa	Ano	Madeira e Mobiliário	Papel e Gráfica	Borracha, Fumo, Couros	Química	Têxtil	Calçados	Alimentos e Bebidas
Araçatuba	1993	2,5%	1,0%	0,9%	0,9%	0,6%	20,9%	1,0%
	2013	2,6%	1,6%	1,4%	1,2%	1,3%	31,0%	3,5%
	2013-1993	0,1	0,6	0,5	0,3	0,7	10,1	2,5
Barretos	1993	0,5%	0,1%	0,1%	0,2%	0,2%	0,2%	3,2%
	2013	0,4%	0,2%	0,3%	0,5%	0,3%	0,0%	3,9%
	2013-1993	-0,1	0,1	0,2	0,3	0,1	-0,2	0,7
Bauru	1993	3,1%	2,5%	1,5%	0,7%	1,4%	7,6%	5,5%
	2013	4,4%	3,1%	2,8%	3,1%	1,7%	14,7%	5,5%
	2013-1993	1,3	0,6	1,3	2,4	0,3	7,1	0,0
Campinas	1993	16,3%	13,9%	10,8%	13,9%	21,1%	12,8%	24,2%
	2013	20,3%	18,3%	16,7%	22,9%	23,3%	1,3%	20,5%
	2013-1993	4,0	4,4	5,9	9,0	2,2	-11,5	-3,7
Central	1993	1,5%	0,6%	1,9%	0,6%	2,4%	0,2%	6,8%
	2013	2,2%	1,1%	3,0%	1,0%	6,3%	0,0%	5,1%
	2013-1993	0,7	0,5	1,1	0,4	3,9	-0,2	-1,7
Franca	1993	0,7%	0,3%	2,6%	0,4%	0,3%	37,8%	2,0%
	2013	1,3%	0,6%	3,9%	1,1%	0,9%	44,4%	3,2%
	2013-1993	0,6	0,3	1,3	0,7	0,6	6,6	1,2
Marília	1993	2,2%	0,4%	0,5%	0,9%	0,8%	1,1%	4,1%
	2013	3,1%	0,6%	0,5%	1,3%	0,9%	1,7%	4,8%
	2013-1993	0,9	0,2	0,0	0,4	0,1	0,6	0,7
Presidente Prudente	1993	1,5%	0,4%	1,3%	0,2%	0,4%	0,7%	2,1%
	2013	1,7%	0,6%	2,0%	2,0%	1,2%	0,2%	3,4%
	2013-1993	0,2	0,2	0,7	1,8	0,8	-0,5	1,3
Registro	1993	0,4%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,1%	0,4%
	2013	0,1%	0,0%	0,1%	0,2%	0,1%	0,0%	0,2%
	2013-1993	-0,3	0,0	0,1	-0,1	0,1	-0,1	-0,2
Ribeirão Preto	1993	2,0%	1,9%	2,3%	1,2%	0,9%	0,6%	7,3%
	2013	2,9%	2,3%	4,9%	2,3%	1,0%	0,5%	6,9%
	2013-1993	0,9	0,4	2,6	1,1	0,1	-0,1	-0,4
Santos	1993	1,0%	1,2%	1,6%	2,7%	0,4%	0,1%	1,1%
	2013	0,4%	0,7%	0,3%	1,4%	0,4%	0,0%	0,8%
	2013-1993	-0,6	-0,5	-1,3	-1,3	0,0	-0,1	-0,3
São José do Rio Preto	1993	9,6%	1,0%	1,7%	0,7%	1,8%	1,1%	3,9%
	2013	14,6%	1,4%	2,9%	3,0%	3,0%	1,2%	6,8%
	2013-1993	5,0	0,4	1,2	2,3	1,2	0,1	2,9
São José dos Campos	1993	2,1%	2,5%	5,4%	3,5%	1,8%	0,4%	2,9%
	2013	2,3%	3,6%	3,2%	3,6%	1,6%	0,0%	3,0%
	2013-1993	0,2	1,1	-2,2	0,1	-0,2	-0,4	0,1
São Paulo	1993	45,0%	71,0%	65,7%	70,1%	60,6%	12,5%	30,3%
	2013	31,4%	61,4%	51,0%	51,1%	47,3%	4,2%	25,9%
	2013-1993	-13,6	-9,6	-14,7	-19,0	-13,3	-8,3	-4,4
Sorocaba	1993	11,7%	3,1%	3,7%	3,9%	7,3%	3,9%	5,1%
	2013	12,3%	4,6%	7,1%	5,4%	10,5%	0,6%	6,7%
	2013-1993	0,6	1,5	3,4	1,5	3,2	-3,3	1,6

Fonte: RAIS-MTE

Esse movimento de desconcentração industrial nas regiões metropolitanas também pode ser observado pela ótica do produto industrial (Valor Adicionado Fiscal da Indústria de Transformação), segundo um estudo do SEADE⁸. Neste estudo, as regiões administrativas que apresentaram retração no produto industrial, entre 2000 e 2010, foram São Paulo, Vale do Paraíba e Litoral Norte e Baixada Santista. Por outro lado, as áreas que apresentaram expansão no produto industrial foram duas e bem distintas: área Campinas-Sorocaba – chamado de “corredor asiático”⁹ – em que estão as Regiões Administrativas de Campinas e Sorocaba; e a área Industrial da Cana de Açúcar em que estão as regiões administrativas de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Bauru, Marília, Franca, Araçatuba, Barretos e Presidente Prudente.

Assim, nas duas análises, por emprego formal e por produto industrial, a indústria vem perdendo importância principalmente na região metropolitana de São Paulo e vem ganhando importância no interior do estado.

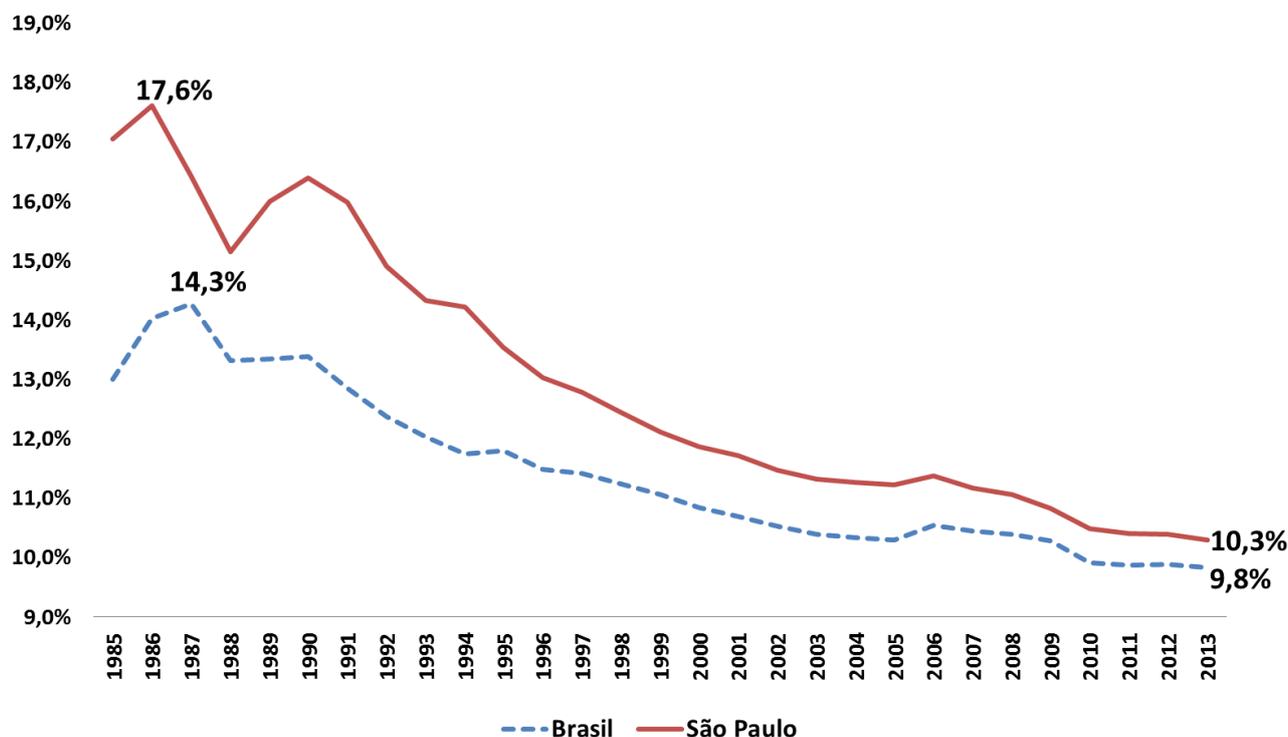
3.1.3. Evolução dos Estabelecimentos Industriais Paulistas

A Indústria de Transformação em São Paulo também sofreu grande perda de participação em relação ao número de estabelecimentos para os outros setores da economia durante o período de 1985 a 2013, registrando, em 2013, as menores participações da série analisada. A indústria de transformação chegou a deter 17,6% dos estabelecimentos paulistas em 1986, mas passou a deter apenas 10,3% em 2013, segundo dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego.

⁸ Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE). *Onde a Indústria se fortalece no Estado de São Paulo 2013*. São Paulo: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados; 2013. [acessado em 2013 jun 10]. Disponível em: http://www.seade.gov.br/index.php?option=com_content&view=category&id=19&layout=blog&Itemid=66

⁹ “Corredor Asiático” é o termo informal utilizado para caracterizar a presença de empresas japonesas, sul-coreanas e chinesas, com destaque para o segmento automotivo e de máquinas e equipamentos, material eletrônico e equipamento de comunicação, máquinas e equipamento de informática e produtos químicos.

Gráfico 9: Evolução da Participação da Indústria de Transformação nos Estabelecimentos Paulistas (1985 a 2013)



Fonte: RAIS - MTE

3.1.4. Migração dos Estabelecimentos Industriais Paulistas para Outros Estados Brasileiros

A perda de participação da indústria de transformação no total de estabelecimentos é maior no Estado de São Paulo do que no Brasil como um todo. Isto tem como uma de suas causas a migração de estabelecimentos para outros Estados.

Para esta análise, utilizamos dados de estabelecimentos industriais da RAIS-MTE para os anos de 1986 a 2013. Para permitir a formação desta série mais longa, a classificação da indústria de transformação e de seus subsetores utilizada para esta análise é a classificação de setor IBGE. Esta classificação é diferente da utilizada ao longo deste trabalho para a distribuição setorial pontual (ano de 2013), para a qual utilizamos a classificação por CNAE 2.0. Enquanto a classificação por setor IBGE permite uma série mais longa, a classificação por CNAE 2.0 permite uma abertura maior de setores.

Ademais, selecionamos apenas estabelecimentos da indústria de transformação com 100 ou mais empregados formais (médio e grande porte). Assim evitamos a contagem dos estabelecimentos de pequeno porte que podem indicar um estabelecimento novo ou um estabelecimento que está encerrando suas atividades.

No Brasil, a quantidade de estabelecimentos industriais com 100 ou mais empregados formais cresceu nos últimos 27 anos, segundo RAIS-MTE, de 10.479 para 12.432 (+ 18,6%). Em São Paulo, por outro lado, a quantidade de estabelecimentos industriais de grande e médio porte caiu no mesmo período, passando de 5.228 para 4.653 (-11,0%). Com isso, a participação de São Paulo no total de estabelecimentos de grande e médio porte caiu de 49,9% para 37,4% (-12,5 p.p.).

Além de São Paulo, o Rio de Janeiro também perdeu uma grande quantidade de estabelecimentos de grande e médio porte no período, passando de 975 para 661 (-32,2%). Com isso, a participação do Estado no total de estabelecimentos de grande e médio porte caiu de 9,3% para 5,3% (-4,0 p.p.). O Rio Grande do Sul não perdeu em quantidade de estabelecimentos de grande e médio porte, mas perdeu bastante em participação, de 11,1% em 1986 para 9,6% em 2013 (-1,4 p.p.).

A perda de estabelecimentos industriais no Estado de São Paulo é bastante destacada, mas o ganho de estabelecimentos industriais esteve mais diluído. A maioria dos Estados ganhou participação, com destaque para Paraná (de 4,6% em 1986 para 8,1% em 2013, +3,5 p.p.); Santa Catarina (de 5,0% para 8,2%, +3,2p.p.); Minas Gerais (de 6,8% para 10,0%, +3,2 p.p.); Goiás (de 0,7% para 2,4%, +1,7 p.p.). Cabe ressaltar que, em 1986, o Estado de Tocantins ainda não havia sido criado, sendo que seu território, nesta época, pertencia ao Estado de Goiás.

Tabela 13: Estabelecimentos com 100 ou Mais Empregados Formais em 1986 e 2013 por Estados Brasileiros, Participação no Brasil e Variação no Período

Estados	1986		2013		Variação 1986-2013	
	Estabelecimentos	Participação no Brasil	Estabelecimentos	Participação no Brasil	No número estabelecimentos (em %)	Na participação no Brasil (em p.p.)
São Paulo	5.228	49,9%	4.653	37,4%	-11,0%	-12,5
Minas Gerais	715	6,8%	1.239	10,0%	73,3%	3,2
Rio Grande do Sul	1.160	11,1%	1.199	9,6%	3,4%	-1,4
Santa Catarina	527	5,0%	1019	8,2%	93,4%	3,2
Paraná	487	4,6%	1006	8,1%	106,6%	3,5
Rio de Janeiro	975	9,3%	661	5,3%	-32,2%	-4,0
Bahia	214	2,0%	360	2,9%	68,2%	0,9
Ceará	163	1,6%	343	2,8%	110,4%	1,2
Goiás	72	0,7%	301	2,4%	318,1%	1,7
Pernambuco	254	2,4%	288	2,3%	13,4%	-0,1
Amazonas	126	1,2%	229	1,8%	81,7%	0,6
Espírito Santo	90	0,9%	174	1,4%	93,3%	0,5
Pará	105	1,0%	145	1,2%	38,1%	0,2
Mato Grosso do Sul	23	0,2%	143	1,2%	521,7%	0,9
Mato Grosso	28	0,3%	136	1,1%	385,7%	0,8
Paraíba	60	0,6%	96	0,8%	60,0%	0,2
Sergipe	39	0,4%	78	0,6%	100,0%	0,3
Rio Grande do Norte	55	0,5%	68	0,5%	23,6%	0,0
Maranhão	37	0,4%	63	0,5%	70,3%	0,2
Alagoas	69	0,7%	57	0,5%	-17,4%	-0,2
Distrito Federal	16	0,2%	50	0,4%	212,5%	0,2
Rondônia	6	0,1%	44	0,4%	633,3%	0,3
Piauí	22	0,2%	38	0,3%	72,7%	0,1
Tocantins	-	-	23	0,2%	-	-
Acre	2	0,0%	8	0,1%	300,0%	0,0
Amapá	5	0,0%	7	0,1%	40,0%	0,0
Roraima	1	0,0%	4	0,0%	300,0%	0,0
Total	10.479	100,0%	12.432	100,0%	18,6%	-

Fonte: RAIS-MTE

* Em 1986, o Estado do Tocantins ainda não havia sido criado, sendo que seu território nesta época pertencia ao Estado de Goiás.

Os setores que mais perderam estabelecimentos de 100 ou mais empregados formais em São Paulo, entre 1986 e 2013, foram: têxtil (347 estabelecimentos a menos em São Paulo e 244 estabelecimentos a mais no Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina e Goiás) e material elétrico e de comunicação (227 estabelecimentos a menos em São Paulo e 104 estabelecimentos a mais nos mesmo quatro Estados).

Assim, temos que grande parte dos estabelecimentos de médio e grande porte destes dois setores que deixaram de existir em São Paulo, passou a existir nos quatro Estados que mais ganharam participação no número de estabelecimentos industriais brasileiros destes portes.

Ademais, nos setores de produtos químicos e de alimentos e bebidas, Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina e Goiás ganharam conjuntamente, nos 26 anos, mais que o dobro de estabelecimentos de 100 ou mais empregados do que o Estado de São Paulo.

Tabela 14: Estabelecimentos com 100 ou Mais Empregados Formais em 1986 e 2013 por Setor e Variação no Período

	Estado de São Paulo			Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina e Goiás		
	1986	2013	Variação 1986-2013 (em nº de estabelecimentos)	1986	2013	Variação 1986-2013 (em nº de estabelecimentos)
Produtos de Mineral não Metálico	214	178	-36	135	157	22
Metalurgia	641	481	-160	216	337	121
Mecânica	575	523	-52	124	246	122
Material Elétrico e de Comunicação	472	245	-227	53	157	104
Material de Transporte	336	454	118	35	192	157
Madeira e Mobiliário	194	139	-55	270	335	65
Papel e Gráfica	291	320	29	91	165	74
Borracha, Fumo, Couros	368	227	-141	89	105	16
Química	669	821	152	121	466	345
Têxtil	777	430	-347	297	541	244
Calçados	150	86	-64	60	81	21
Alimentos e Bebidas	541	749	208	310	783	473
Total da Indústria de transformação	5.228	4.653	-575	1.801	3.565	1.764

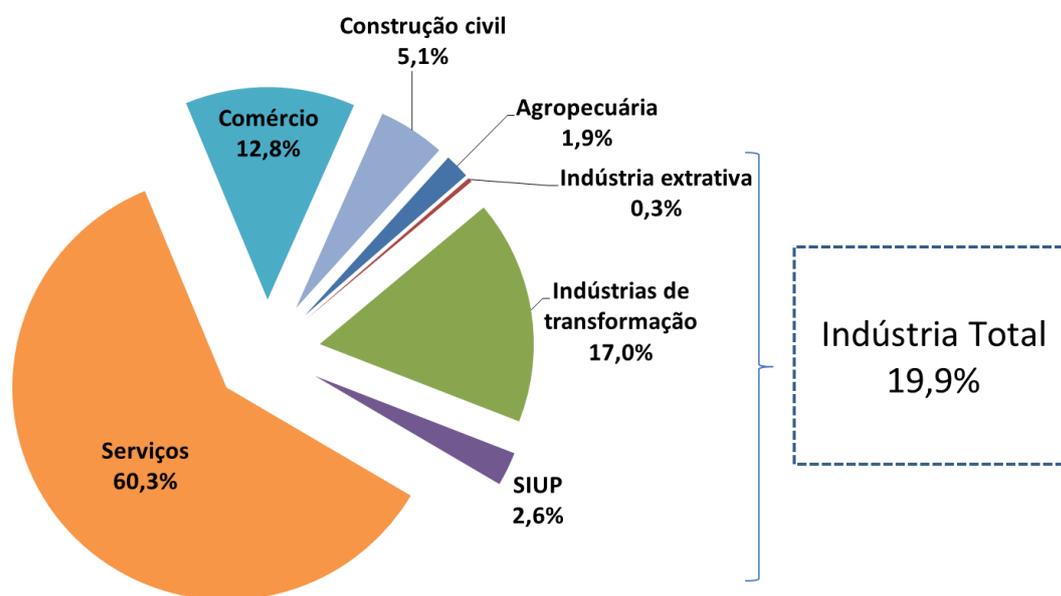
Fonte: RAIS-MTE

Estes dados oferecem fortes indícios de que está ocorrendo uma migração de indústrias paulistas para outros Estados, levando a um impacto maior no Estado de São Paulo da perda de participação da indústria na economia.

3.2. Retrato da Indústria de Transformação do Estado de São Paulo

Segundo dados das Contas Regionais do IBGE, em 2012, a indústria de transformação foi responsável por 17,0% do PIB do Estado de São Paulo. Em 2012, o setor de serviços representou 60,3% do PIB do Estado, o comércio 12,8%, a agropecuária 1,9% e a construção civil 5,1%. A indústria total, constituída pela indústria de transformação, pela indústria extrativa mineral e pelos serviços industriais de utilidade pública (SIUP), representava 19,9% do PIB do Estado.

Gráfico 10: PIB por Setor da Economia Paulista em 2012



Fonte: Contas Regionais / IBGE (2012)

Segundo as Contas Regionais do IBGE, através dos dados mais recentes, de 2012, o valor adicionado da Indústria de Transformação de São Paulo era de R\$ 196,9 bilhões.

3.2.1. O Valor da Transformação Industrial do Estado de São Paulo

Buscando analisar a produção dos setores da indústria de transformação de São Paulo, a variável escolhida foi o valor da transformação industrial (VTI) da indústria de transformação, uma *proxy* do valor adicionado, pois não há divulgação do dado de valor adicionado por Estado e por setor; essa variável é resultado do valor bruto da produção industrial menos o custo das operações da indústria.

Segundo os dados mais recentes divulgados pela Pesquisa Industrial Anual do IBGE de 2012, a Tabela 15 mostra o valor da transformação industrial dos setores da indústria de transformação de São Paulo e sua participação no valor da transformação industrial. Os setores com maior participação no valor da transformação industrial da indústria de transformação em São Paulo, e conseqüentemente no PIB do Estado, em 2012 são: produtos alimentícios (15,2%); veículos automotores (12,9%) e coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (10,8%).

Tabela 15: Valor da Transformação Industrial da Indústria de Transformação por Setor no Estado de São Paulo em 2012

Setores	VTI (em milhões de R\$)*	Participação % do VTI do setor na Ind. de Transformação
Produtos alimentícios	51.198	15,2%
Veículos automotores, carrocerias e autopeças	43.570	12,9%
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	36.429	10,8%
Produtos químicos	29.102	8,6%
Máquinas e equipamentos	26.044	7,7%
Produtos de borracha e de material plástico	17.384	5,2%
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	14.995	4,5%
Produtos de metal, exc. máquinas e equipamentos	14.658	4,4%
Celulose, papel e produtos de papel	12.941	3,8%
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	11.973	3,6%
Produtos de minerais não-metálicos	11.209	3,3%
Metalurgia	10.849	3,2%
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	10.022	3,0%
Bebidas	6.824	2,0%
Produtos têxteis	6.220	1,8%
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	6.140	1,8%
Outros equipamentos de transporte, exc. veículos automotores	5.910	1,8%
Produtos diversos	5.505	1,6%
Impressão e reprodução de gravações	3.691	1,1%
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	3.673	1,1%
Móveis	3.188	0,9%
Artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	2.760	0,8%
Produtos de madeira	2.481	0,7%
Produtos do fumo	149	0,0%
Total da Indústria de Transformação	336.914	100,0%

Fonte: PIA - IBGE

* Valores da PIA para empresas industriais com 5 ou mais pessoas ocupadas.

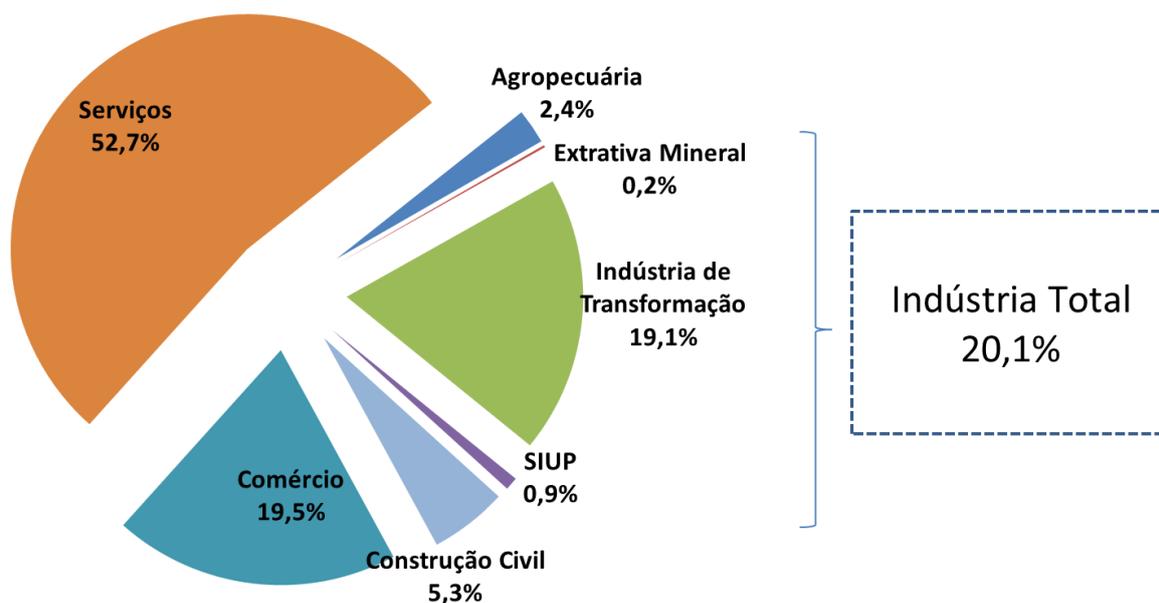
3.2.2. Empregos Formais

Segundo a RAIS-MTE, em 2013, a indústria de transformação paulista ocupava 2,7 milhões de pessoas. A indústria de transformação, em 2013, detinha 19,1%¹⁰ dos empregos formais de São Paulo em

¹⁰ Na análise da evolução do emprego formal indústria de transformação, a classificação da indústria de transformação e de seus subsetores utilizada foi a classificação de setor IBGE, para permitir a formação desta série mais longa. Nesta análise de distribuição setorial pontual (ano de 2013), utilizamos a classificação por CNAE 2.0, que permite uma abertura maior de setores.

comparação com todos os setores da economia, enquanto a indústria total, constituída pela indústria de transformação, pela indústria extrativa mineral e pelos serviços industriais de utilidade pública (SIUP), era responsável por 20,1% dos empregos formais em São Paulo.

Gráfico 11: Empregados Formais por Setores da Economia Paulista em 2013



Fonte: RAIS - MTE

3.2.3. Distribuição Setorial do Emprego Formal Paulista

Segundo dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2013, entre os setores da indústria de transformação de São Paulo, o setor que mais empregava era o de alimentos (14,2% dos empregados formais), seguido pelo de veículos automotores, carrocerias e autopeças (10,7%) e, em terceiro lugar, o setor de produtos de metal (8,2%), observando a Tabela 16.

Tabela 16: Empregados Formais por Setores da Indústria de Transformação Paulista em 2013

Setores da Indústria de Transformação	Empregados formais	Participação
Produtos Alimentícios	379.541	14,2%
Veículos Automotores, Carrocerias e Autopeças	286.542	10,7%
Produtos de Metal, exc. Máquinas e Equipamentos	219.023	8,2%
Máquinas e Equipamentos	214.494	8,0%
Produtos de Borracha e de Material Plástico	206.948	7,7%
Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios	175.282	6,5%
Produtos Químicos	137.081	5,1%
Produtos de Minerais Não-Metálicos	115.796	4,3%
Produtos Têxteis	108.535	4,1%
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	103.410	3,9%
Celulose, Papel e Produtos de Papel	77.116	2,9%
Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	74.989	2,8%
Metalurgia	74.884	2,8%
Produtos Diversos	71.320	2,7%
Artefatos de Couro, Artigos para Viagem e Calçados	69.827	2,6%
Móveis	68.058	2,5%
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipos.	56.542	2,1%
Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	53.608	2,0%
Impressão e Reprodução de Gravações	48.371	1,8%
Coque, Derivados do Petróleo e Biocombustíveis	44.243	1,7%
Outros Equipos. de Transporte, exc. Veículos Automotores	33.950	1,3%
Bebidas	31.457	1,2%
Produtos de Madeira	27.181	1,0%
Produtos do Fumo	1.558	0,1%
Total da Indústria de Transformação	2.679.756	100,0%

Fonte: RAIS-MTE

3.2.4. Distribuição dos Empregos Formais Industriais por Região Administrativa

Segundo informações da Fundação de Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), o Estado de São Paulo é dividido em 15 Regiões Administrativas (RA). A região administrativa é uma subdivisão do Estado de São Paulo, composta por diversos municípios de uma determinada área geográfica com similaridades econômicas e sociais. Esta divisão foi criada pelo IBGE e não constitui região política ou administrativa, sendo apenas para fins estatísticos.

A partir dos dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2013, observando a Tabela 17, a Região Metropolitana de São Paulo representava 40,6% do emprego formal na indústria de transformação do Estado de São Paulo, seguida pela Região Administrativa de Campinas com 23,1% e pela Região Administrativa de Sorocaba com 8,0%.

Analisamos quais são os setores por Região Administrativa com maior participação no número de empregados formais da indústria de transformação em 2013.

Na Região Metropolitana de São Paulo, os setores que se destacaram em 2013 em relação ao emprego formal na indústria de transformação foram: veículos automotores, carroceria e autopeças, com 12,4%; produtos de borracha e material plástico, com 10,8% e produtos de metal, com 10,1%.

Já na Região Administrativa de Campinas, o setor de veículos automotores, carrocerias e autopeças registrou uma participação de 13,3% no total do emprego formal da indústria de transformação, o setor de produtos alimentícios ocupou 11,8% e o setor de máquinas e equipamentos ocupou 9,8% do emprego formal.

Na Região Administrativa de Sorocaba, o setor de destaque foi o de veículos automotores, carroceria e autopeças, que ocupava 12,8% dos empregados formais na indústria de transformação, seguido de produtos alimentícios, com 10,1%, e o setor de máquinas e equipamentos, com 9,5% do emprego formal.

No total do Estado de São Paulo e em duas das três principais regiões administrativas em número de empregados formais, o setor de alimentos se destaca entre os setores com maior participação no emprego industrial. Na Região Metropolitana de São Paulo, no entanto, este setor ocupa apenas a sexta colocação, sendo responsável por 6,9% do emprego formal na indústria de transformação.

O setor de veículos automotores e autopeças, por outro lado, está em segundo lugar entre os setores industriais que mais empregam no total do Estado e também aparece como um setor de destaque nas três principais Regiões Administrativas, entre os que mais empregam nas regiões.

Tabela 17: Empregados Formais da Indústria de Transformação por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo em 2013

Regiões Administrativas	Empregados Formais	Participação
São Paulo	1.088.240	40,6%
Campinas	619.077	23,1%
Sorocaba	215.619	8,0%
São José dos Campos	129.668	4,8%
São José do Rio Preto	101.876	3,8%
Ribeirão Preto	88.864	3,3%
Central	88.335	3,3%
Bauru	81.741	3,1%
Franca	63.850	2,4%
Araçatuba	57.196	2,1%
Marília	53.018	2,0%
Presidente Prudente	40.080	1,5%
Barretos	27.286	1,0%
Santos	21.894	0,8%
Registro	3.012	0,1%
Total do Estado	2.679.756	100%

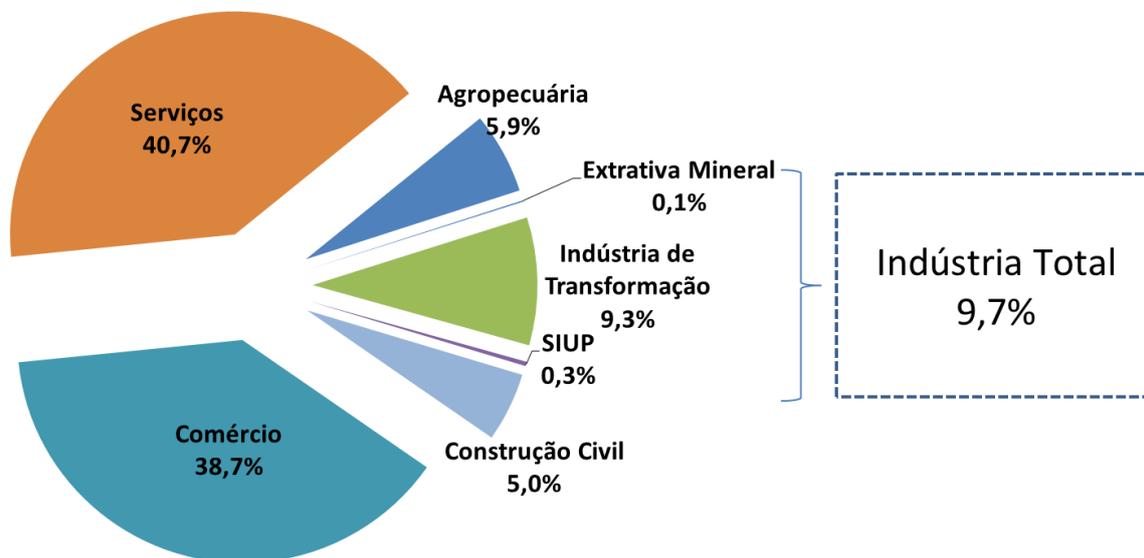
Fonte: RAIS-MTE

3.2.5. Estabelecimentos Industriais

Segundo dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2013, a Indústria de Transformação detinha 93.682 estabelecimentos no Estado de São Paulo, o que representa 9,3%¹¹ dos estabelecimentos de todos os setores da economia de São Paulo. Por outro lado, a indústria total, constituída pela indústria de transformação, pela indústria extrativa Mineral e pelos serviços industriais de utilidade pública (SIUP), registrava 9,7% dos estabelecimentos de São Paulo.

¹¹ Na análise da evolução dos estabelecimentos da indústria de transformação, a classificação da indústria de transformação e de seus subsetores utilizada foi a classificação de setor IBGE, para permitir a formação desta série mais longa. Nesta análise de distribuição setorial pontual (ano de 2013), utilizamos a classificação por CNAE 2.0, que permite uma abertura maior de setores.

Gráfico 12: Estabelecimentos por Setores da Economia Paulista em 2013



Fonte: RAIS- MTE

3.2.6. Distribuição Setorial dos Estabelecimentos Industriais

Analisando os dados da Tabela 18, percebe-se que, entre os setores da indústria de transformação do Estado de São Paulo, o setor que mais tinha estabelecimentos em 2013, segundo a RAIS-MTE, era o de confecções de artigos do vestuário e acessórios (16,5% dos estabelecimentos da indústria de transformação), seguido por produtos de metal (13,0%) e, em terceiro lugar, pelo setor de produtos alimentícios (7,9%).

Tabela 18: Estabelecimentos por Setores da Indústria de Transformação no Estado de São Paulo em 2013

Setores da Indústria de Transformação	Número de estabelecimentos	Participação
Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios	15.479	16,5%
Produtos de Metal, exc. Máquinas e Equipamentos	12.136	13,0%
Produtos Alimentícios	7.418	7,9%
Máquinas e Equipamentos	6.354	6,8%
Produtos de Borracha e de Material Plástico	6.076	6,5%
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipos.	5.786	6,2%
Produtos de Minerais Não-Metálicos	5.106	5,5%
Móveis	4.044	4,3%
Produtos Diversos	3.888	4,2%
Artefatos de Couro, Artigos para Viagem e Calçados	3.849	4,1%
Impressão e Reprodução de Gravações	3.783	4,0%
Produtos Têxteis	3.530	3,8%
Produtos Químicos	3.393	3,6%
Veículos Automotores, Carrocerias e Autopeças	2.442	2,6%
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	2.188	2,3%
Produtos de Madeira	1.778	1,9%
Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	1.735	1,9%
Celulose, Papel e Produtos de Papel	1.689	1,8%
Metalurgia	1.643	1,8%
Bebidas	422	0,5%
Outros Equipos. de Transporte, exc. Veículos Automotores	385	0,4%
Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	353	0,4%
Coque, Derivados do Petróleo e Biocombustíveis	185	0,2%
Produtos do Fumo	20	0,0%
Total da Indústria de Transformação	93.682	100,0%

Fonte: RAIS - MTE

3.2.7. Distribuição dos Estabelecimentos Industriais por Regiões Administrativas

Segundo os dados da RAIS-MTE apresentados na Tabela 19, em 2013, as Regiões Administrativas de São Paulo que se destacaram em número de estabelecimentos foram: Região Metropolitana de São Paulo (com 44,4% dos estabelecimentos da indústria de transformação do Estado); Região Administrativa de Campinas (20,7%) e Região Administrativa de Sorocaba (6,3%).

Abrindo por setores, na Região Metropolitana de São Paulo, o setor de confecção de artigos de vestuário e acessórios se destacou com 22,6% dos estabelecimentos da indústria de transformação do Estado, seguido por produtos de metal com 12,8% e pelo setor de produtos de borracha e material plástico com 8,4%.

Na Região Administrativa de Campinas, o setor de destaque é o de produtos de metal, com 14,8% dos estabelecimentos da indústria de transformação da região, seguido por confecção de artigos de vestuário e acessórios com 11,5% e pelo setor de máquinas e equipamentos com 9,1%.

Na Região Administrativa de Sorocaba, 15,2% dos estabelecimentos da indústria de transformação da região encontravam-se no setor de produtos de metal. O setor de confecção de artigos de vestuário e acessórios detinha também 14,8%, e o setor de produtos alimentícios ocupava 10,7%.

Quando observamos a distribuição dos estabelecimentos dos setores da indústria de transformação entre as Regiões Administrativas, destacam-se sempre as regiões de São Paulo e Campinas. A exceção é o setor de artefatos de couro e calçados, no qual os destaques são as regiões de Franca, Bauru e Araçatuba, onde estão localizados os polos calçadistas de Franca, Jaú e Birigui, respectivamente.

Tabela 19: Estabelecimentos da Indústria de Transformação por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo em 2013

Regiões Administrativas	Nº de estabelecimentos	Participação
São Paulo	41.575	44,4%
Campinas	19.434	20,7%
Sorocaba	5.901	6,3%
São José do Rio Preto	4.236	4,5%
Franca	3.591	3,8%
Central	3.136	3,3%
Ribeirão Preto	2.893	3,1%
São José dos Campos	2.885	3,1%
Bauru	2.671	2,9%
Araçatuba	2.115	2,3%
Marília	1.976	2,1%
Presidente Prudente	1.464	1,6%
Santos	994	1,1%
Barretos	592	0,6%
Registro	219	0,2%
Total do Estado	93.682	100%

Fonte: RAIS-MTE

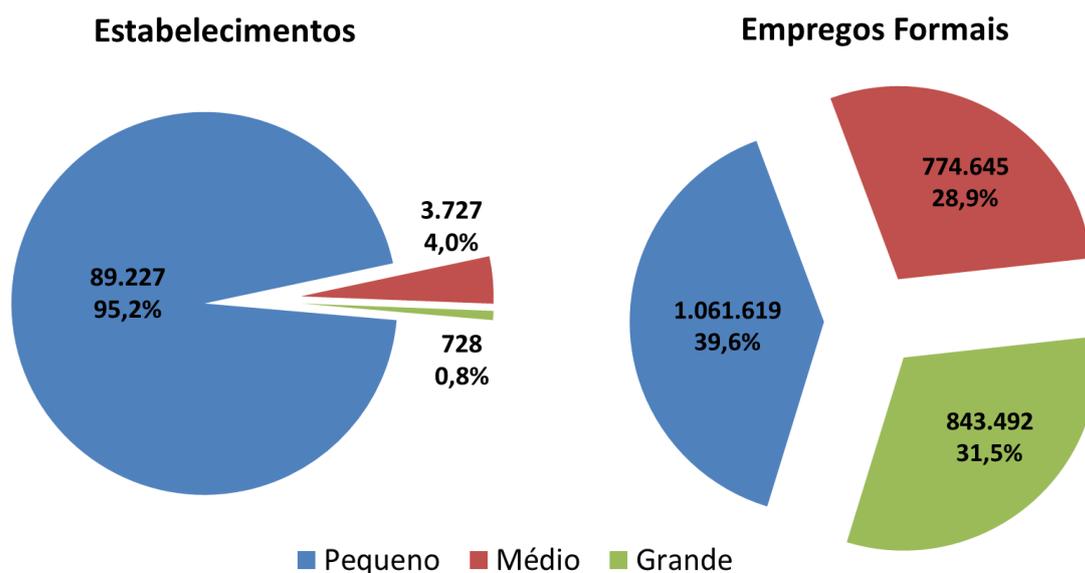
3.2.8. Distribuição da Indústria Paulista por Porte

Segundo os dados da RAIS-MTE, em 2013, os estabelecimentos da Indústria de Transformação de São Paulo tinham, em média, 28,6 empregados formais.

Assim como na análise do Brasil, os estabelecimentos de pequeno porte, com até 99 empregados formais, eram a maioria em 2013, com 95,2% dos estabelecimentos, o que correspondia a 89.227 estabelecimentos. Já os estabelecimentos de porte médio, com 100 a 499 empregados formais, representavam 4,0% do total (3.727 estabelecimentos). Os estabelecimentos com mais de 500 empregados formais, de grande porte, representavam 0,8% do total (728 estabelecimentos).

Apesar de representarem a maior parte dos estabelecimentos da indústria de transformação em São Paulo, os de pequeno porte empregavam 39,6% dos empregados formais, o que totalizava 1,1 milhão de pessoas. Por sua vez, os estabelecimentos de porte médio empregavam 28,9% dos empregados formais (774,6 mil pessoas). E os estabelecimentos de grande porte empregavam mais que os de médio porte, 843,5 mil pessoas, que representam 31,5% do emprego formal.

Gráfico 13: Estabelecimentos e Empregados Formais da Indústria de Transformação por Porte em 2013 em São Paulo



Fonte: RAIS – MTE

Analisando por setores, assim como na análise do Brasil, coque, derivados de petróleo e biocombustíveis é o setor com maior concentração de estabelecimentos de grande porte. Neste setor, 16,8% dos estabelecimentos tinham 500 ou mais empregados formais em 2013. Por outro lado, o setor com o maior número de estabelecimentos de grande porte é o de alimentos, com um total de 179 estabelecimentos deste porte.

O setor de produtos farmoquímicos e farmacêuticos destaca-se pela concentração de estabelecimentos médios, com 100 a 499 empregados formais, em São Paulo, com 25,2% dos estabelecimentos de médio porte.

Os setores com maior concentração de estabelecimentos de pequeno porte são: manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (99,0%); confecção de artigos do vestuário e acessórios (98,8%) e impressão e reprodução de gravações (98,1%) e, que, conseqüentemente, apresentam os menores portes médios entre os setores da indústria de transformação em São Paulo: 9,8, 11,3 e 12,8 empregados formais por estabelecimento, respectivamente.

Tabela 20: Porte Médio e Quantidade de Estabelecimentos por Porte dos Setores da Indústria de Transformação no Estado de São Paulo em 2013

Setores	Empregados por Estabelecimento	Pequeno Porte	Médio Porte	Grande Porte
Coque, Petróleo e Biocombustíveis	239,2	130 (70,3%)	24 (13,0%)	31 (16,8%)
Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	151,9	239 (67,7%)	89 (25,2%)	25 (7,1%)
Veículos, Carrocerias e Autopeças	117,3	2.008 (82,2%)	322 (13,2%)	112 (4,6%)
Outros Equipamentos de Transporte	88,2	341 (88,6%)	35 (9,1%)	9 (2,3%)
Produtos do Fumo	77,9	17 (85,0%)	2 (10,0%)	1 (5,0%)
Bebidas	74,5	359 (85,1%)	47 (11,1%)	16 (3,8%)
Produtos Alimentícios	51,2	6.839 (92,2%)	400 (5,4%)	179 (2,4%)
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	47,3	1.989 (90,9%)	174 (8,0%)	25 (1,1%)
Celulose, Papel e Produtos de Papel	45,7	1.525 (90,3%)	137 (8,1%)	27 (1,6%)
Metalurgia	45,6	1.523 (92,7%)	97 (5,9%)	23 (1,4%)
Informática, Eletrônicos e Ópticos	43,2	1.610 (92,8%)	105 (6,1%)	20 (1,2%)
Produtos Químicos	40,4	3.106 (91,5%)	249 (7,3%)	38 (1,1%)
Produtos de Borracha e de Material Plástico	34,1	5.662 (93,2%)	378 (6,2%)	36 (0,6%)
Máquinas e Equipamentos	33,8	5.943 (93,5%)	357 (5,6%)	54 (0,8%)
Produtos Têxteis	30,7	3.312 (93,8%)	190 (5,4%)	28 (0,8%)
Produtos de Minerais Não-Metálicos	22,7	4.922 (96,4%)	163 (3,2%)	21 (0,4%)
Produtos Diversos	18,3	3.777 (97,1%)	103 (2,6%)	8 (0,2%)
Artefs. Couro, Artigos para Viagem e Calçados	18,1	3.735 (97,0%)	103 (2,7%)	11 (0,3%)
Produtos de Metal, exc. Máquinas e Equipos.	18,0	11.783 (97,1%)	331 (2,7%)	22 (0,2%)
Móveis	16,8	3.944 (97,5%)	93 (2,3%)	7 (0,2%)
Produtos de Madeira	15,3	1.738 (97,8%)	36 (2,0%)	4 (0,2%)
Impressão e Reprodução de Gravações	12,8	3.712 (98,1%)	58 (1,5%)	13 (0,3%)
Artigos do Vestuário e Acessórios	11,3	15.286 (98,8%)	181 (1,2%)	12 (0,1%)
Manutenção, Reparação e Instalação	9,8	5.727 (99,0%)	53 (0,9%)	6 (0,1%)
Total da Indústria de Transformação	28,6	89.227 (95,2%)	3.727 (4,0%)	728 (0,8%)

Fonte: RAIS - MTE

Ao comparar o Brasil com o Estado de São Paulo, a Tabela 21 demonstra que o porte médio do Estado de São Paulo (28,6 empregados formais por estabelecimento) é maior que o do Brasil (22,8), o que pode ser explicado pela maior concentração de empresas de grande e médio porte no Estado.

Tabela 21: Quantidade de Estabelecimentos da Indústria de Transformação por Porte em São Paulo e no Brasil em 2013

	Empregados por Estabelecimento	Pequeno Porte	Médio Porte	Grande Porte
Brasil	22,8	334.730 (96,6%)	9.868 (2,8%)	2.062 (0,6%)
São Paulo	28,6	89.227 (95,2%)	3.727 (4,0%)	728 (0,8%)

Fonte: RAIS - MTE

3.2.9. Distribuição Espacial das Empresas de Grande Porte da Indústria de Transformação no Estado de São Paulo

Em 2013, segundo dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, a maior parte dos estabelecimentos da indústria de transformação de grande porte, com 500 ou mais empregados formais, estava concentrada na Região Metropolitana de São Paulo, que detinha 32,6% dos estabelecimentos deste porte do Estado (237 estabelecimentos). Em segundo lugar, estava a Região Administrativa de Campinas, com 26,6% (194 estabelecimentos), e, em terceiro lugar, a Região Administrativa de Sorocaba, com 8,2% (60 estabelecimentos).

Tabela 22: Estabelecimentos da Indústria de Transformação de Grande Porte (500 ou mais empregados formais) por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo em 2013

Regiões Administrativas	Nº de estabelecimentos da Ind. de Transformação de grande porte	%Participação da RA no Estado de SP
RM de São Paulo	237	32,6%
Campinas	194	26,6%
Sorocaba	60	8,2%
São José dos Campos	41	5,6%
Bauru	32	4,4%
Ribeirão Preto	28	3,8%
Central	27	3,7%
São José do Rio Preto	26	3,6%
Araçatuba	18	2,5%
Franca	16	2,2%
Presidente Prudente	16	2,2%
Marília	15	2,1%
Barretos	14	1,9%
Santos	3	0,4%
Registro	1	0,1%
Total do Estado	728	100,0%

Fonte: RAIS - MTE

O mapa abaixo ilustra a distribuição dos estabelecimentos industriais com mais de 500 empregados formais por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo. A maior concentração de estabelecimento de grande porte está nas Regiões Administrativas de São Paulo, Campinas e Sorocaba.

A Região Administrativa de Franca apresenta a maior participação da indústria de transformação no total dos setores da economia, tanto em número de estabelecimentos (15,6%) quanto em empregados formais (33,7%). Entretanto, apesar de ser famosa por seu polo calçadista, Franca não se destaca na distribuição dos estabelecimentos de grande porte. Isto porque dos 2.045 estabelecimentos de couro e calçados de Franca, que representam 57% dos estabelecimentos industriais da região, apenas três são de grande porte.

Figura 2: Distribuição dos Estabelecimentos de Grande Porte (500 ou mais Empregados Formais) por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo em 2013



Fonte: RAIS - MTE

Observou-se a distribuição entre as Regiões Administrativas dos estabelecimentos da indústria de transformação de grande porte para os setores com maior participação no número de empregados formais no Estado de São Paulo, segundo os dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego.

O setor de produtos alimentícios apresentou maior concentração na Região Administrativa de Campinas, com 21,8% dos estabelecimentos de grande porte do Estado, São Paulo concentrava 14,5% dos estabelecimentos de grande porte desse setor. Em terceiro lugar, aparecem Ribeirão Preto e São José do Rio Preto, com 8,4% cada.

O setor de veículos automotores concentrava 41,1% de seus estabelecimentos de grande porte na Região Administrativa de São Paulo, 36,6% em Campinas e 9,8% em Sorocaba.

O setor de produtos de metal concentrava 45,5% de seus estabelecimentos de grande porte na Região Administrativa de São Paulo, 18,2% em São José dos Campos e 13,6% em Campinas.

O setor de máquinas e equipamentos concentrava seus estabelecimentos de grande porte em São Paulo (25,9%), seguido por Campinas (24,1%) e Sorocaba (20,4%).

O setor de produtos de borracha e plástico concentrava seus estabelecimentos de grande porte em São Paulo (55,6%), seguido por Campinas (25,0%) e Sorocaba (8,3%).

O setor de confecção de vestuário também apresentou destaque em relação ao número de empregados formais na indústria de transformação do Estado de São Paulo; porém, a grande maioria de seus estabelecimentos é de pequeno porte, e somente 12 são de grande porte, sendo que seis estão localizados na Região Administrativa de São Paulo.

O setor de produtos químicos concentrava seus estabelecimentos de grande porte em São Paulo (60,5%), seguido por Campinas (23,7%) e Sorocaba (10,5%).

Apesar de não aparecer como setor de destaque em número de empregados formais, o setor de coque, derivados do petróleo e biocombustíveis caracteriza-se por possuir estabelecimentos de grande porte (com um porte médio de 239,2 empregados formais por estabelecimento em São Paulo, conforme Tabela 20). Portanto, consideramos importante analisar a localização, dentro do Estado de São Paulo, de seus estabelecimentos de grande porte (500 ou mais empregados formais). As Regiões Administrativas que aparecem em destaque para este setor são as seguintes: São José do Rio Preto (22,6% dos estabelecimentos de grande porte); Bauru (19,4%), e Presidente Prudente (16,1%).

Tabela 23: Regiões Administrativas de São Paulo que Concentram a Maior Parte dos Estabelecimentos de Grande Porte nos Setores de Maior Participação no Total de Empregados Formais em 2013

Setores	1º lugar	2º lugar	3º lugar
Produtos alimentícios	Campinas (21,8%)	São Paulo (14,5%)	Ribeirão Preto (8,4%) SJ do Rio Preto (8,4%)
Veículos automotores	São Paulo (41,1%)	Campinas (36,6%)	Sorocaba (9,8%)
Produtos de metal	São Paulo (45,5%)	SJ dos Campos (18,2%)	Campinas (13,6%)
Máquinas e equipamentos	São Paulo (25,9%)	Campinas (24,1%)	Sorocaba (20,4%)
Produtos de borracha e material plástico	São Paulo (55,6%)	Campinas (25,0%)	Sorocaba (8,3%)
Produtos químicos	São Paulo (60,5%)	Campinas (23,7%)	Sorocaba (10,5%)

Fonte: RAIS-MTE

4. ENTIDADES DE REPRESENTAÇÃO DA INDÚSTRIA NO ESTADO DE SÃO PAULO

Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo)

A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) é a maior entidade de classe da indústria brasileira, representando 23 setores produtivos, de todos os portes e das mais diversas cadeias produtivas, distribuídas em 131 sindicatos patronais, e alcança cerca de 150 mil empresas associadas.

A Fiesp não é um órgão público, mas sim uma entidade de filiação, onde os sindicatos patronais se filiam em busca de uma instituição representativa do setor produtivo e que defenda a iniciativa privada e a economia de mercado, estando, assim, atenta às questões nacionais que impactam na atividade industrial.

Para defender os interesses da indústria, a Fiesp acaba batalhando pelo desenvolvimento do país. Em suas campanhas em defesa da indústria, a federação conquistou vitórias importantes para toda a sociedade, como a derrubada da CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira, conhecido como imposto do cheque) e diminuição do custo da energia elétrica. E ainda luta pela desoneração tributária, redução de juros, combate dos *spreads* bancários, câmbio equilibrado e obras de infraestrutura.

Para se manter, a Fiesp tem como fonte de recursos a contribuição anual sindical das empresas. O valor da contribuição é pago por todas as empresas e estabelecido de acordo com seu capital social sendo automaticamente distribuído entre o sindicato a qual a empresa é afiliada (60%), a Federação que a representa (15%), a Confederação Nacional da Indústria (5%) e o Ministério do Trabalho e do Emprego (20%). No caso da empresa não ser filiada a nenhum sindicato, 75% da contribuição sindical é destinado a sua Federação.

Além da Fiesp, integram o sistema o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), que defende os interesses de suas empresas associadas; e o Serviço Social da Indústria da São Paulo (Sesi-SP) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial de São Paulo (Senai-SP), como os braços educacional, social e cultural do setor produtivo.

Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo)

A Fiesp tem como filiados os sindicatos patronais. Já o Ciesp recebe como associadas as empresas. O Ciesp é a maior entidade representativa do setor industrial na América Latina, com sede na capital, também está presente no interior do Estado de São Paulo, por meio de suas 42 Diretorias Regionais, Municipais e Distritais, formando uma sólida estrutura a serviço de cerca de 10 mil empresas associadas, o que permite que a instituição tenha uma jurisdição bastante ampla e de alcance estadual.

Fundado em 1928, o Ciesp é uma entidade civil sem fins lucrativos que reúne empresas industriais, associações ligadas ao setor produtivo e, também, empresas cujas atividades estão diretamente relacionadas aos interesses das indústrias. Por sua influência e legitimidade, o Ciesp atua como interlocutor das empresas frente aos poderes públicos na busca de soluções de problemas que afetam seus interesses.

A fonte de recursos do Ciesp é obtida através da contribuição voluntária dos associados. Além da representatividade, a entidade oferece um conjunto de serviços, bem como assessoria nas áreas jurídico-consultiva e técnica, econômica, comércio exterior, infraestrutura, tecnologia industrial, responsabilidade social, meio ambiente, acesso às instituições de créditos e apoio em pesquisas, feiras, simpósios, rodadas de negócios, cursos, convênios e demais eventos promovidos pelo Ciesp.

Diferentemente de um sindicato, o Ciesp defende os interesses da indústria como um todo, enquanto os sindicatos focam sua atuação na atividade produtiva específica do seu setor e nas relações de trabalho de sua categoria. Além disso, o Ciesp atua em todo o estado de São Paulo por meio das suas regionais espalhadas em pontos estratégicos, enquanto os sindicatos têm jurisdição limitada.

Sesi-SP e Senai-SP

O Sesi-SP possui 175 escolas de ensino fundamental e médio, responsáveis por 179 mil alunos, nas quais as famílias beneficiam-se da alta qualidade de seus serviços educacionais, sendo por isso referência em nosso país, oferecendo ainda atividades complementares em esporte, cultura, lazer e saúde.

Já o Senai-SP conta com 165 unidades de ensino profissionalizante voltados para a indústria, alcançando, assim, expressivos resultados nas diferentes áreas de atuação. Além disso, oferece cursos de qualificação e atendimento técnico às indústrias em suas demandas específicas. A cada ano, mais de um milhão de jovens e adultos recebem formação e qualificação profissional, em programas focados no mercado e em suas tendências, o que é fundamental para o desenvolvimento e o aprimoramento da mão de obra no Brasil. Uma contribuição mais recente do Senai-SP é a oferta de cursos superiores de tecnologia em áreas demandadas pela indústria.

Para manter as estruturas de educação, cultura e programas de assistência social, a fonte de recursos do Sesi e do Senai é a contribuição compulsória do setor industrial: 1% sobre o montante da remuneração paga pelos estabelecimentos industriais contribuintes a todos seus empregados é destinado ao Senai para educação, atividades profissionalizantes; e 1,5% sobre o montante da remuneração paga a seus empregados é destinado ao Sesi para educação e cultura, incluindo programas de assistência social.

Portanto, o empresário industrial e seus colaboradores têm a oportunidade de se aproximar das conceituadas instituições mantidas pela indústria: o Sesi e o Senai.

A indústria paulista sustenta esse conjunto formado por Fiesp, Ciesp, Sesi-SP e Senai-SP e é apoiada por ele, recebendo mão de obra capacitada, serviços e defesa de seus interesses. Neste modelo, a indústria paulista e suas instituições de apoio contribuem para o desenvolvimento do Brasil como um todo.